



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
 Av. Ene Garcéz, 2413 – Bairro Aeroporto CEP: 69.310-000
 Boa Vista/RR – Fone (095)3621-3108 – Fax (095)3621-3101
 E-mail: secretariadosconselhos@ufrr.br



Resolução nº 015/2013–CENS/CEPE/UFRR

Altera, *ad referendum*, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia.

O PRÓ-REITOR DE ENSINO E GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, *ad referendum* da Câmara de Ensino e considerando:

- O que consta no processo nº 23129.001367/2013-22,

RESOLVE:

Art. 1º. Aprovar, *ad referendum*, tanto as alterações de códigos quanto a nova tabela de equivalência de disciplinas inerentes ao Curso de Antropologia, conforme anexo.

Art. 2º. Esta Resolução entra em vigor na data da sua publicação.

PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO/UFRR, Boa Vista-RR, 17 de setembro de 2013.

Prof. Dr. Fábio Luiz Wandler
 Pró-Reitor de Ensino e Graduação /UFRR

De ordem à DAP/PROEG
 p/conhecimentos. BV, 18/09/2013

Bruna Carolina Silva Magalhães
 Sec. dos Controladores Superiores
 Matr. SIAPB/ 1643024
 UFRR

Ao DERCA e à PI,
 p/ cadastramento das
 alterações.

BV, 18/09/2013

Eliete Carolina da Silva
 Diretora de Assuntos Pedagógicos
 Matr. SIAPB/108712
 PROEG/UFRR

Universidade Federal de Roraima - UFRR
 Pró-Reitoria de Ensino e Graduação - PROEG
RECEBIDO
 Em: 18/09/13, Hora: 11:15
 Ass. Jenifer



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
CURSO DE ANTROPOLOGIA



**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ANTROPOLOGIA**

Comissão de Elaboração:

Prof. Dr. Marcos Antonio Pellegrini (coordenador)
Profa. Dra. Olendina de Carvalho Cavalcante
Profa. Dra. Carmen Lúcia Silva Lima

Professores e funcionários do Curso de Antropologia

Prof. Dr. Carlos Alberto Marinho Cirino
Prof. Dr. José Carlos Franco de Lima
Profa. Dra. Marisa de Araújo Luna
Profa. Dra. Madiana Valéria de Almeida Rodrigues
Moisés Lima da Silva Júnior – Técnico Administrativo

2013

DADOS GERAIS DO CURSO

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

NOME DO CURSO: ANTROPOLOGIA

MODALIDADE DE CURSO: BACHARELADO

MODALIDADE DE ENSINO: CRÉDITO E PRESENCIAL

UNIDADE ACADÊMICA: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Nº DE VAGAS OFERTADAS: 44 VAGAS ANUAIS (4 PSEI)

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	6
2 – JUSTIFICATIVA.....	12
3 – OBJETIVOS DO CURSO	14
4 – PERFIL DO EGRESSO.....	15
5 – HABILIDADES E COMPETÊNCIAS.....	15
6 – ORGANIZAÇÃO DO CURSO	17
7 - MATRIZ CURRICULAR	20
8 – ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO.....	21
9 - ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	23
10 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	23
11 – SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	25
12 – SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	25
13 – RECURSOS HUMANOS	26
14 – INFRAESTRUTURA MATERIAL E TECNOLÓGICA.....	30
15 - REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A – PROPOSTAS DE MUDANÇAS NA ESTRUTURA CURRICULAR.....	33
ANEXO A : EMENTAS.....	35

1 – INTRODUÇÃO

Esta primeira atualização do PPP do Curso de Antropologia acontece três anos após o ingresso da primeira turma, no segundo semestre de 2010. Além de considerar uma avaliação do perfil dos alunos matriculados nas três primeiras turmas e a complementação do quadro de professores, esta proposta também considera as discussões sobre a criação de Cursos de Antropologia ocorridas nas Reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, ABA, e as proposições de Projetos Políticos Pedagógicos de outros Cursos de Antropologia em outras universidades, desde a aprovação do Curso de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal de Roraima-UFRR.

Nos últimos anos, a criação de cursos de graduação em Antropologia tem sido tema de discussões nas Instituições Federais de Ensino Superior, IFES, que oferecem cursos de graduação em Ciências Sociais e nos eventos da Associação Brasileira de Antropologia. Esse debate ganha fôlego com o aumento das demandas e atribuições ao profissional da antropologia. Tais discussões tiveram início em 2002 nos encontros da ABA, como a Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, e na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ANPOCS, em que antropólogos do Departamento de Antropologia da UFRR tiveram a oportunidade de participar. As discussões se prolongaram a nível local, entre os professores do Departamento, e encontram-se sintetizadas em artigo que compõe a coletânea publicado pela ABA em 2006, “Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras”. Como apontam Tassinari, Rial e Grossi, na obra citada:

Datam dos 1960 e, mais particularmente, dos 1970 grande parte dos cursos de Ciências Sociais em funcionamento hoje nas principais universidades do país – a maior parte deles com reformulações em seus currículos feitos no decorrer dos anos 1980, no processo de abertura política do país. [...]. Lamentavelmente, apesar do estímulo governamental, poucas foram às mudanças nos cursos de Ciências Sociais já consolidados, e os raros novos cursos que abriram desde então seguiram o modelo tradicional de um curso fortemente estruturado em torno das três disciplinas de base (Antropologia, Sociologia e Ciência Política). Nas inúmeras reformas de currículo propostas pelos cursos já existentes a fim de adequarem-se à nova legislação, permaneceu a formação tradicional em torno do tripé das três Ciências Sociais de base na área. (p.201)

Em outro parágrafo, as autoras notam:

Mas, enquanto a formação em Ciências Sociais permaneceu praticamente imutável nas últimas décadas, houve grandes transformações no mundo do trabalho e nas expectativas dos egressos dos cursos de Ciências Sociais. Se,

por um lado, aumentou o número de graduados que continuaram sua formação antropológica no mestrado, parte significativa dos egressos foi atuar em instituições estatais, no ensino secundário nem sempre ensinando Sociologia – e, particularmente, observou-se uma demanda crescente desta mão de obra especializada na “questão social” por parte de Organizações Não-Governamentais. Além deste mercado de trabalho já consolidado para egresso em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia surgem, cada vez mais, novas demandas de profissionais com interface com a formação antropológica. Diferentes projetos na área de patrimônio que envolvem questões relativas a manifestações culturais populares, projetos no campo dos direitos humanos e dos direitos de minorias étnicas, projetos que envolvem temáticas como gênero e sexualidade, assim como uma infinidade de outras demandas, mostram que há uma necessidade cada vez maior de antropólogos atuando nas mais diversas instâncias da sociedade brasileira (p.20).

Portanto, nossa adesão a essa proposta insere-se nessa nova fase da antropologia no Brasil, cuja experiência já se faz notar em algumas universidades. A esse respeito, podemos citar um trecho do artigo de Grossi (2006) que aponta para a necessidade de maior formação teórico metodológica na graduação atendendo demandas de formação de pós-graduação, em particular à pressão sobre os tempos de titulação no mestrado.

Juntamo-nos à proposta de Trajano Filho (2006) de que a criação de um curso de Antropologia em nível de graduação representa um passo importante na consolidação da disciplina.

Até a década de 1930 não havia a formação acadêmica de antropólogos no Brasil. Os profissionais que atuavam nessa área do conhecimento eram médicos, juristas, sanitaristas e militares, entre outros. Esses profissionais, autoditadas, eram, de fato, antropólogos gerais, trabalhando indistintamente com problemas etnológicos, arqueológicos, físicos, biológicos e linguísticos. Esses pesquisadores coletavam informações a respeito de índios, negros e comunidades camponesas (sertanejos), numa perspectiva de admiração e simpatia, e, ao mesmo tempo, em termos teóricos, colocavam essas minorias numa situação de inferioridade, na hierarquia biológica que acreditavam existir. Neste período, há ainda a importante contribuição dos etnólogos alemães ao conhecimento das populações indígenas no Brasil (Mellati, s/d).

As primeiras Faculdades voltadas para essa área do conhecimento datam desse período. Em 1934 surgiu a primeira Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras no Brasil, na Universidade de São Paulo. Na mesma época, foi fundada a Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Antropólogos cujos trabalhos teriam grande impacto na teoria antropológica e na etnologia, passaram por essas Instituições de ensino. Na primeira, o francês Claude Lévi-Strauss; na segunda, o alemão Herbert Baldus. No Rio de Janeiro, também neste período, foi criada a Universidade do Distrito Federal onde Gilberto

Freire assumiu, em 1935, a cátedra de antropologia cultural e social. Também data desse período, o ingresso dos primeiros estudantes brasileiros em cursos de pós-graduação em Ciências Sociais, em instituições acadêmicas estrangeiras. Com o crescente interesse pela disciplina nas instituições de ensino que surgiam e o retorno dos estudantes que concluíram cursos de pós-graduação fora do Brasil, em 1955 é criada a Associação Brasileira de Antropologia, ABA. A partir daí, inicia-se a implantação de cursos de aperfeiçoamento nesta área do conhecimento, como o “Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural”, em 1955, no Museu do Índio, instituição, na época, ligada ao então Serviço de Proteção ao Índio, SPI (MELLATI, s/d).

Em 1957 criou-se o “Curso de Formação de Pesquisadores Sociais” no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, em São Paulo. Em 1960, estabeleceu-se, no Museu Nacional, o Curso de “Teoria e Pesquisa em Antropologia Social”, mais tarde denominado de “Curso de Especialização em Antropologia Cultural”. Essa experiência culminaria com a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no Museu Nacional, em 1968, dando origem aos cursos de pós-graduação em Antropologia; tal experiência seria seguida por outras instituições como a Universidade de São Paulo, Universidade de Brasília, Universidade de Campinas, entre outras (MELLATI, s/d).

Na década de 1970 deu-se a criação dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais nas universidades brasileiras, que nesse período, simbolizaram a luta pela democracia ao se contrapor aos Cursos de Licenciatura em Estudos Sociais criados pela ditadura militar.

Na Universidade Federal de Roraima, a antropologia, por sua vez, surgiu com a iniciativa de criação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia, em 1992. A “proposta era formar profissionais para atender a realidade social de Roraima, estado com numerosas etnias indígenas, presença maciça de garimpeiros (na época), grande mobilidade espacial da população – fenômenos característicos das áreas de fronteiras e outros problemas que careciam de uma análise antropológica” (CIRINO, 2006, p.249). O projeto do curso tinha como objetivo formar profissionais/pesquisadores capazes de aplicar os conhecimentos antropológicos na análise dos problemas sociais presentes e emergentes no estado. O perfil desse profissional era o de interlocutor entre as organizações governamentais/não governamentais e as diversas populações indígenas e tradicionais.

Após 17 anos da criação do Curso de Ciências Sociais, com Habilitação em Antropologia, sentimos a necessidade de criar uma Graduação específica em Antropologia, com foco no Bacharelado. Tal iniciativa vem antecipar uma tendência dos Cursos de Ciências Sociais, frente às novas demandas que têm sido colocadas aos profissionais da área de Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política). No caso da antropologia, é crescente a atuação dos antropólogos em vários setores do mercado de trabalho. O fórum de debate realizado durante 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, promovida pela ABA, em 2006, em Goiânia, apresentou um novo quadro relativo à área de conhecimento antropológico, que ficou assim definido:

Área Geral: Antropologia

Sub-Áreas: Antropologia Social/Cultural e Antropologias Especializadas

Especializadas: Antropologia da Alimentação, Antropologia da Arte, Antropologia Biológica, Antropologia da Ciência e Tecnologia, Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia do Desenvolvimento, Antropologia do Direito, Antropologia Econômica, Antropologia da Educação, Antropologia do Esporte, Antropologia das Instituições, Antropologia Lingüística, Antropologia e Meio Ambiente, Antropologia das Migrações, Antropologia da Performance, Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, Antropologia Política, Antropologia da Religião, Antropologia Rural, Antropologia das Sociedades Complexas, Antropologia Urbana, Antropologia Visual, Cultura Material. Cultura e Política, Etnomusicologia, Etnologia Indígena, Estudos de Conflitos e Violência, Família/Parentesco e Ciclos de Vida, Gênero e Sexualidade, Globalização e Transnacionalismo, Identidades, Mitos e Ritos, Patrimônio Cultural e Memória, Relações Interétnicas e Raciais, entre outras.

Como podemos perceber, o campo de atuação do antropólogo vem se ampliando ao longo dos anos. Outras áreas da ciência já reconhecem a importância de uma formação antropológica nos seus desenhos curriculares. Podemos citar o caso das novas diretrizes dos cursos de Direito que exigem a inclusão de disciplinas de antropologia na sua formação geral e e nas específicas, como o Direito Indígena. É cada vez maior a demanda do trabalho do antropólogo na esfera judicial, tanto cível como penal, por meio da elaboração de laudos periciais. Também nas áreas das ciências da saúde e biológicas os antropólogos estão sendo chamados para compartilhar seus conhecimentos acerca da diversidade sociocultural.

Para melhor situar a relevância do curso no contexto de Roraima, apresentamos uma breve análise relativa à situação do Estado. Roraima possui uma população em

torno de 450.479 mil habitantes. (Censo 2010, IBGE). Por sua posição fronteiriça, com a República Cooperativista da Guiana e a República Bolivariana da Venezuela, Roraima tornou-se rota internacional de tráfico de pessoas, contrabando de armas e drogas, descaminho de combustível, altos índices de crimes de pedofilia, exploração sexual de meninas, meninos e adolescentes e conflitos crescentes envolvendo indígenas das mais diferentes etnias.

Nos últimos anos, o estado, em especial a capital Boa Vista, tornou-se rota de passagem de imigrantes africanos clandestinos como ganenses, nigerianos, somalis e guineenses, que se estabelecem nos bairros até obterem recursos para seguirem viagem. Ao problema da clandestinidade soma-se o da barreira linguística, já que não dominam a língua portuguesa.

A população indígena em Roraima foi estimada em 60 mil, distribuída entre 09 povos, quais sejam: Macuxi, Wapixana, Taurepang, Ingaricó, Patamona, Yanomami, Yekuana, Waimi-Atroari, Wai-Wai¹. Há ainda uma população não aldeada que, segundo levantamento censitário feito pela Prefeitura Municipal de Boa Vista (2003), já atinge uma população de cerca de 30 mil habitantes indígenas.

Ao longo dos últimos 30 anos, período em que os índios se mobilizam em torno da demarcação dos seus territórios, os conflitos pela terra se agravaram. Tome-se o caso da Terra Indígena Yanomami, cuja demarcação aconteceu no início da década de 1990 e ainda hoje seu território continua sofrendo invasões por parte de garimpeiros. A presença de garimpeiros nessa terra tornou o grupo vulnerável a diversos tipos de epidemias.

Em fins da década de 1980 e início da década de 1990, essas epidemias provocaram um alarmante desequilíbrio na população Yanomami, comprometendo a sua reprodução física e cultural, hoje, em retomada de crescimento. A consequência de tal processo foi a irreversível dependência desse povo em relação a alguns serviços, principalmente na área de saúde, além de outras situações que demandam assistência jurídica-antropológica, quando da investida da aplicação de dispositivos jurídicos positivados que ferem os direitos consuetudinários Yanomami, assegurados pela própria Constituição de 1988 e por outros dispositivos infraconstitucionais.

¹Em relação ao número de povos em Roraima, a Funai reconhece esses 09 povos. Informações fornecidas pelo Coordenador Regional da Funai em 24/10/2012. As organizações indígenas reconhecem também os Sanumá, Xiriana e Sapará (os dois primeiros da família yanomami).

Quanto aos demais povos indígenas, o Curso de Antropologia pode ampliar o horizonte de atuação já expressivamente marcado com trabalho de pesquisa entre os grupos Macuxi e Wapixana. O curso estimulará a continuidade de pesquisas que já vem sendo desenvolvidos por antropólogos ligados ao Curso de Ciências Sociais, todos, filiados ao Núcleo Histórico Socioambiental, NUHSA, entre elas: pesquisas na área de etnologia indígena, pesquisas com índios na cidade, movimentos sociais urbanos, exploração sexual de meninos, meninas e adolescentes em vários municípios do estado, pesquisas relacionadas ao impacto na formação de identidades frente a novas tecnologias na área da informação e pesquisas que enfocam o processo migratório dos negros guianenses.

Outro aspecto a considerar é o fluxo constante de pessoas entre comunidades indígenas, rurais, e as cidades, principalmente Boa Vista. É comum as famílias possuírem uma residência na cidade e uma na comunidade, o que nos permite falar de uma continuidade entre áreas urbanas e rurais, imersas num processo de trocas simbólicas e materiais, intensas e permanentes.

O estado possui um imenso patrimônio cultural que vai desde sítios arqueológicos até saberes tradicionais e populares. Por exemplo, as medicinas tradicionais provindas do campo religioso indígena e do campo popular estão muito presentes no cotidiano. O encontro entre os cultos afros, trazidos principalmente pelos maranhenses, com as crenças indígenas tradicionais, com o cristianismo de cunho evangélico e católico, é um fenômeno que demanda atenção por parte da antropologia. Conta-se em Boa Vista 21 terreiros de umbanda e candomblé.

O processo de ocupação agrária do estado esteve centrado nos latifúndios, até os anos 70 do século passado, período em que se inicia o assentamento de pequenos agricultores no estado. A agricultura familiar se consolidou em municípios como São João da Baliza e São Luis do Anauá; atualmente há um processo de expansão de assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, e, não à toa, a Universidade Federal de Roraima inaugurou, recentemente, o Campus Murupú, localizado no maior assentamento agrícola do estado.

Uma área de atuação que vem se expandindo para os antropólogos é campo de projetos culturais. Os investimentos públicos e privados têm se ampliado no tocante ao apoio a projetos de natureza artístico-cultural e preservação de patrimônio cultura

favorece a participação de antropólogos na elaboração e gestão de projetos dessa natureza.

2 – JUSTIFICATIVA

Segundo o Projeto de Desenvolvimento Institucional (2005-2009), a UFRR tem como missão contribuir para o desenvolvimento do estado por meio do ensino, pesquisa e extensão, elevando a qualidade de vida da região, sugerindo soluções para os desafios amazônicos e estimulando o conhecimento e o convívio entre as muitas populações deste espaço fronteiriço. Nessa perspectiva, o curso de antropologia tem como orientação repassar e produzir conhecimentos antropológicos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida na região, em especial, no que tange ao convívio interétnico e a preservação da diversidade cultural.

O Curso de Bacharelado em Antropologia, portanto, tem como objetivo formar profissionais para atuarem em contextos variados, com destaque em áreas da Antropologia mais voltadas para as especificidades do estado e da região amazônica. A etnologia indígena continuará sendo um dos focos centrais dessa formação, mas o curso agregará outras áreas especializadas que ganharam visibilidades nos últimos anos, decorrentes de determinados fenômenos sociais, que podemos citar: aumento do processo migratório; crescimento da densidade populacional; criação de novos bairros situados em área de pouca infra-estrutura; aumento da violência e do número de jovens desempregados; inserção do estado na rota de tráfico de pessoas e drogas; presença do campo religioso na mídia; crescimento da demanda curativa na área de saúde e coexistência com medicinas indígenas e populares; manutenção do autoritarismo e do clientelismo político na cultura política do estado; implantação e expansão das novas tecnologias na região, inclusive nas comunidades indígenas e rurais; destaque sobre a diversidade lingüística regional, inclusive com eventos científicos promovidos pela UFRR voltados para a questão; aumento dos investimentos públicos e privados na área de projetos culturais; aumento do número de vagas na educação superior no estado, inclusive para indígenas.

Como observamos ao início da Introdução, essa revisão se pauta em discussões realizadas no contexto da ABA e da preocupação em articular o nosso PPP ao dos outros cursos já em funcionamento em várias instituições. Hoje, cursos de graduação

em antropologia são oferecidos na Universidade Federal de Pelotas, na Universidade Federal do Amazonas, na Universidade Federal da Paraíba, na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade Federal Fluminense. Cabe ressaltar que a Associação Brasileira de Antropologia tem promovido o debate acerca da implantação destes cursos em congressos de caráter internacional – como na II Reunião Equatorial de Antropologia, em Natal, 2009; na *VIII Reunión de Antropología del Mercosur*, em Buenos Aires, 2009 e na *III Reunião Equatorial de Antropologia*, em Boa Vista, 2011– e nacional – *27ª Reunião Brasileira de Antropologia*, em Belém, 2010.

Em relação ao corpo discente, notamos desde o início do curso, que tem chamada no vestibular para funcionamento noturno, que a oferta de disciplinas aos sábados impossibilitava alguns alunos de frequentá-las. Também constatamos que os alunos tinham trajetórias escolares bastante diversificadas, em geral, marcadas por deficiências em conhecimentos históricos e leitura e expressão escrita em língua portuguesa.

Notamos ainda que a organização da matriz curricular necessitava de alguns ajustes, buscando concentrar o conteúdo básico em antropologia nos primeiros semestres para permitir um melhor aproveitamento de disciplinas que tratam de tópicos mais especializados. As principais mudanças nessa proposta procuram superar estes obstáculos e compreendem a redução da carga horária (de 2820 para 2520 hs), complementação da formação básica e conteúdo mais específico da Antropologia nos primeiros semestres. Quanto aos PPP dos novos Cursos de Antropologia oferecidos em outras instituições, esta proposta busca favorecer o aproveitamento de estudos e a mobilidade acadêmica ao harmonizar objetivos gerais e conteúdos básicos, ainda que mantendo as particularidades regionais.

Nesta revisão, considerando-se os limites relativos a integralização do curso e ao reduzido campo para estágio, optamos também por retirar o caráter obrigatório do Estágio Supervisionado, mas o mesmo permanece como Atividade Complementar optativa.

No Apêndice 1, partindo dos tópicos da estrutura curricular do PPP original, apontamos as alterações sugeridas e a nova proposição.

3 – OBJETIVOS DO CURSO

OBJETIVO GERAL

Formar bacharéis em antropologia para atuação no âmbito acadêmico e extra-acadêmico, capazes de desenvolver pesquisas teóricas e etnográficas, atividades de consultoria e assessoria no âmbito público e privado que garantam o reconhecimento das diferenças socioculturais de forma ética e humanística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Integrar o ensino, a pesquisa e a extensão como momentos de um mesmo processo de construção do conhecimento.
- Propiciar ao aluno uma formação integrada nas diferentes áreas da Antropologia.
- Garantir, na formação do aluno, o compromisso ético e social com sua prática profissional.
- Formar pesquisadores capazes de desenvolver teorias e metodologias de pesquisa etnográfica.
- Formar profissionais qualificados para a carreira acadêmica.
- Fornecer as condições para que o discente construa um instrumental metodológico que lhe permita realizar pesquisas em antropologia em universos culturais diferenciados.
- Combinar a capacitação técnico-operativa com a formação para o exercício da cidadania.
- Produzir e disponibilizar acervos etnográficos, audiovisuais, sonoros e outros, relativos a bens culturais de natureza imaterial articulados na forma de projetos de extensão.
- Formar pesquisadores e agentes para a preservação do patrimônio imaterial em nível de graduação e em caráter de extensão, agentes culturais comunitários.

4 – PERFIL DO EGRESSO

A profissão de Antropólogo não é regulamentada por lei. A Associação Brasileira de Antropologia, ABA, é uma Associação Científica que agrega pesquisadores da área. A regulamentação da profissão vem sendo discutida nas reuniões dessa instituição, inclusive com comissões formadas para esse fim. No entanto, é preciso ressaltar que o fato não representa obstáculo jurídico para atuação deste profissional. Nos últimos 5 anos, registramos um grande número de concursos públicos para o profissional de antropologia, na esfera municipal, estadual e federal. Podemos citar os concursos realizados para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Secretarias do Governo do Estado de Roraima e Secretarias da Prefeitura Municipal de Boa Vista, para a Fundação do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, para o Ministério Público Federal e a Fundação Nacional do Índio.

Na esfera privada é crescente o número de cursos universitários que têm incluído em seus desenhos curriculares disciplinas da área de antropologia, sem contar aquelas que já são obrigatórios em razão das diretrizes curriculares, como os cursos de direito, conforme já citamos anteriormente. Isto tem favorecido a contratação de profissionais da área de antropologia nas Faculdades privadas locais. Outro aspecto que merece destaque é a contratação do profissional de antropologia para atuar como consultor em Organizações Não-Governamentais, assim como em gestão de projetos. O perfil do egresso está configurado nas habilidades e competências esboçadas na seção seguinte, considerando que durante todas as discussões promovidas nas seções anteriores foi citado, implicitamente, o que se espera desse profissional.

5– HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO BACHAREL EM ANTROPOLOGIA

As competências e habilidades do profissional de Ciências Sociais estão balizadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Ciências Sociais conforme parecer CNE/CES 492/2001. Pretende-se que o Bacharel em Antropologia egresso tenha as seguintes competências:

- domínio da bibliografia teórica e metodológica fundamental e compreensão dos conceitos e argumentos específicos da antropologia;

- desenvolvimento da pesquisa em suas diferentes etapas, da elaboração de problemas à produção de resultados obtidos em textos e relatórios científicos;
- elaboração e aplicação das metodologias próprias do trabalho de campo antropológico para o conhecimento das realidades socioculturais e a produção de etnografias;
- disposição comunicativa para elaborar, expor e debater dados e idéias nas diversas situações em que o conhecimento antropológico seja requisitado, dentro ou fora da Universidade;
- compromisso ético com os sujeitos e comunidades pesquisadas, sejam rurais ou urbanas, social ou etnicamente caracterizadas, bem como em relação à comunidade universitária e seu entorno, particularmente onde sejam desenvolvidas atividades de pesquisa e extensão;
- reflexão e elaboração de conhecimento científico, inclusive laudos antropológicos, que possibilite a criação de visões alternativas e transformadoras para a compreensão e resolução de problemas sociais contemporâneos.

Além dessas competências e habilidades, o Bacharel em Antropologia deverá estar apto a atuar, pautando suas ações pelo Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia, em áreas especializadas da antropologia, tais como:

- coletar, sistematizar e analisar dados de cunho qualitativo na realidade social;
- mapear os desafios e analisar os problemas amazônicos, e mais especificamente, os do estado de Roraima;
- apoiar e assessorar projetos voltados para o etnodesenvolvimento em comunidades indígenas e tradicionais;
- registrar o patrimônio imaterial e bens culturais do estado e desenvolver processos de transmissão desse patrimônio;
- organizar, gerir e assessorar projetos culturais;
- prestar assessoria e consultoria a organizações estatais, de mercado e de terceiro setor, fornecendo informações especializadas para subsidiar processos de planejamento, execução e avaliação de ações culturais;

6 – ORGANIZAÇÃO DO CURSO

Visando efetivar os objetivos, competência e habilidades idealizadas para o perfil do egresso, o bacharelado em Antropologia possui uma proposta curricular que congrega 03 núcleos de conhecimento formativo:

- a) Núcleo de Fundamentação, constituído por disciplinas fundamentais que abordam as teorias e as metodologia utilizada na Antropologia e o conhecimento de outras disciplinas que são indispensáveis a formação do antropólogo;
- b) Núcleo de Desenvolvimento, formado por disciplinas que abrigam conhecimentos específicos e complementares e
- c) Núcleo de Profissionalização, tem a finalidade de concretizar a relação entre teoria e prática vivenciada no processo formativo; compreendem procedimentos para investigação científica e prática profissional.

Os núcleos interligam-se de maneira interdisciplinar e se estruturam da seguinte forma:

Estrutura do Curso	Disciplinas
Núcleo de Fundamentação: Base teórica e metodológica do curso	Introdução à antropologia Introdução à ciência política Introdução à sociologia História geral Metodologia do trabalho científico Teoria antropológica I Teoria do conhecimento (introdução a filosofia) História política e econômica do Brasil Teorias da linguagem Teoria antropológica II Teoria antropológica III
Núcleo de Desenvolvimento: Conhecimentos específicos e complementares	Antropologia no Brasil Estudos históricos da Amazônia Etnografia Construção social da identidade Organização social e parentesco Etnologia indígena Antropologia das sociedades complexas Gênero e sexualidade Antropologia linguística Antropologia política Antropologia da religião Antropologia do direito

	Patrimônio cultural e memória Antropologia visual Antropologia dos estudos rurais Antropologia da saúde Relações interétnicas e raciais Optativa livre I Optativa livre II Optativa livre III Eletiva I Eletiva II Eletiva III
Núcleo de Profissionalização: Fazer antropológico	Elaboração Projeto TCC Estágio supervisionado Atividades complementares Trabalho de conclusão de curso

Disciplina e crédito são as formas adotadas para a organização curricular. O período é semestral. A estrutura seguida permitirá ao aluno adquirir conhecimentos que são processuais e cumulativos, possibilitando a realização de uma síntese das competências adquiridas. Ao final, ele terá desenvolvido uma visão geral dos conteúdos abordados e estará habilitado para o exercício da profissão de antropólogo.

A carga horária proposta por essa estrutura é de 2.520 horas, constituída por 2220 horas aula e de 180 horas de atividades complementares. O curso se desenvolverá no período noturno com a utilização de até 30 % da carga horária em outros períodos, especialmente em pesquisa de campo e atividades complementares. O tempo médio de integralização é de 8 semestres, podendo, em situações excepcionais ser integralizado em 6 semestres. O tempo máximo para integralização dos créditos é de 12 semestres;

As disciplinas eletivas, que fazem parte do Núcleo de Desenvolvimento, poderão ser cursadas nas seguintes áreas: Psicologia, Letras, História, Geografia, Relações Internacionais, Comunicação Social, Artes Visuais, Educação, Direito, Ciências Biológicas, Economia e Ciências Sociais. A disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS será ofertada no rol das optativas livres, conforme determina o Decreto Federal nº 5626/2005.

Os tópicos em Antropologia serão estudados nos últimos semestres e versarão sobre temáticas de pesquisas, concluídas ou em andamento, de interesses do corpo docente ou dentro das áreas de especialização da antropologia. Inicialmente estão

elencados seguintes tópicos: antropologia das migrações, subjetividades e corporalidades, etnologia das Guianas, etno-história, laudos antropológicos, antropologia e ambiente, antropologia da educação e antropologia econômica.

O acesso ao curso se dar-se-á de acordo com a legislação pertinente e as normas regimentais da UFRR e terá um acréscimo de 10% do total das vagas a serem preenchidas por candidatos selecionados pelo Processo Seletivo Especial Indígena.

Disciplinas	Número	Crédito	Horas aulas
Obrigatórias	29	116	1.740
Eletivas	03	12	180
Optativas livres	03	12	180
Estágio	-	08	120
TCC	-	08	120
Atividades Complementares	-	12	180
Total	-	168	2.520

7 - MATRIZ CURRICULAR

Estrutura Curricular

Período	Cód.	Disciplinas	Créditos				Requisitos
			Sala	Prat.	C.horária	Total	
1°	CAN-01	Introdução à antropologia	04		60	04	
	CAN-41	Introdução à ciência política	04		60	04	
	CAN-42	Introdução à sociologia	04		60	04	
	CAN-43	História geral	04		60	04	
	CAN-44	Metodologia do trabalho científico	04		60	04	
			Total Créditos no Período				20
2°	CAN-03	Teoria do conhecimento	04		60	04	
	CAN-45	Teoria antropológica I	04		60	04	CAN-01
	CAN-46	Antropologia no Brasil	04		60	04	
	CAN-23	História política e econômica do Brasil	04		60	04	
	CAN-04	Teorias da linguagem	04		60	04	
			Total Créditos no Período				20
3°	CAN-47	Teoria antropológica II	04		60	04	CAN-45
	CAN-27	Estudos históricos da Amazônia	04		60	04	
	CAN-48	Etnografia	04		60	04	
	CAN-30	Construção social da identidade	04		60	04	
	CAN-49	Organização social e parentesco	04		60	04	
			Total Créditos no Período				20
4°	CAN-50	Teoria antropológica III	04		60	04	CAN-47
	CAN-51	Estudos de gênero	04		60	04	
	CAN-11	Antropologia das sociedades complexas	04		60	04	
	CAN-22	Etnologia Indígena	04		60	04	
	CAN-07	Antropologia linguística	04		60	04	CAN-04
			Total Créditos no Período				20
5°		Eletiva I	04		60	04	
	CAN-12	Antropologia política	04		60	04	
	CAN-25	Antropologia da religião	04		60	04	
	CAN-18	Antropologia jurídica	04		60	04	
	CAN-29	Patrimônio cultural e memória	04		60	04	
			Total Créditos no Período				20
6°	CAN-28	Elaboração Projeto TCC	04		60	04	
	CAN-14	Antropologia visual	04		60	04	
	CAN-52	Antropologia dos estudos rurais	04		60	04	
	CAN-17	Antropologia da saúde	04		60	04	
	CAN-34	Relações interétnicas e raciais	04		60	04	
			Total Créditos Período				20
7°		Eletiva II	04		60	04	
		Eletiva III	04		60	04	
	CAN-33	Estágio Supervisionado		08	120	08	
		Optativa livre I	04			04	
8°		Total Créditos Período				24	
		Optativa livre II	04		60	04	
		Optativa livre III	04		60	04	
	CAN-35	TCC	04	04	60	08	
		Atividades complementares			180	12	
		Total Créditos Período				28	
		Total Geral de Créditos				168	

Total carga horária do curso: 2520 (2400 MEC)

Eletivas

Período	Cód.	Disciplinas	CH	Créditos	Requisitos
	CAN-57	Tópicos especiais-Antropologia das migrações	60	04	
	CAN-20	Subjetividades e corporalidades	60	04	
	CAN-56	Tópicos Especiais - Etnologia das Guianas	60	04	
	CAN-55	Tópicos especiais - Etno-história	60	04	
	CAN-58	Tópicos especiais - Laudos antropológicos	60	04	CAN-18
	CAN-59	Antropologia e ambiente	60	04	
	CAN-60	Antropologia da educação	60	04	
	CAN-61	Antropologia econômica	60	04	
	CAN-40	Tópicos Especiais –Cultura Brasileira	60	04	

Optativa livre

	LEM040	Introdução à LIBRAS	60	04	
		A escolha dos alunos	60	04	
		A escolha dos alunos	60	04	

8 – ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO

Entendemos por atividades complementares aquelas que contribuam para a formação do antropólogo. Compreendem uma carga horária de 180 horas, de livre escolha pelo discente, recomendadas por um docente do curso e deferidas pela coordenação, entre elas podemos citar: curso de extensão, participação em congressos, publicações, cursos de formação extra-acadêmicos, atividades de pesquisa, atividades culturais, entre outras, conforme tabela abaixo e Resolução nº 014/2012-CEPE.

Tabela de equivalência de carga horária

Categoria	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	Carga Horária
		Unid.
Atividade de Ensino	Exercício de monitoria (bolsista ou voluntário) em disciplinas do curso.	60
	Grupo de estudo dirigido independente – trata-se de discussão temática, sob a responsabilidade de um docente, com a finalidade de complementação ou aprofundamento do aprendizado e de exercícios de aplicação de conhecimento dos alunos de graduação.	60
	Cursos, oficinas e atividades afins, presenciais ou à distância (atualização, aperfeiçoamento, complementação, aprofundamento de estudo ou outros), que versem sobre matérias de interesse na formação do graduando, com certificação.	120

	Participação com certificação, como ouvinte, defesas de dissertações, teses ou trabalhos de conclusão de curso da própria área ou de áreas afins.	30
	PET	
Atividade de Pesquisa	Trabalho publicado em canais de eventos técnico-científico – resumo/resumo expandido.	15(4)
	Artigo publicado em periódico técnico-científico.	15(4)
	Livro e Capítulo de livro na área de formação.	15(4)
	Participação como bolsista do Programa de Iniciação Científica e de Inovação Tecnológica.	180
	Participação em Projetos de Pesquisa devidamente registrados.	60
Atividades de Extensão	Participação em eventos relacionados com o curso e áreas afins (curso, feiras, palestras, seminários, congressos, fóruns, simpósios, jornadas, conferências, encontros, mesas redondas, <i>workshops</i> , semana acadêmica), como ouvinte, monitor, palestrante ou membro da comissão organizadora.	120
	Participação como bolsista ou voluntário em projeto ou atividade de extensão.	60
Atividades sociais, políticas, culturais e esportivas	Participação como voluntário em ações sociais e comunitárias, inclusive de prestação de serviços técnicos.	120
	Produção de livros e capítulos de livros.	15
	Prêmios concedidos por instituições acadêmico-científicas.	30
	Participação nos processos eleitorais devidamente certificada pelo Tribunal Regional Eleitoral – TRE.	15
Atividade de representação acadêmica	Representação estudantil por mandato no Conselho de Curso.	15
	Representação estudantil por mandato no Conselho de Centro.	6
	Representação estudantil por mandato nos Conselhos Superiores da UFRR (CEPE, Cuni e Conselho Diretor).	15
	Participações em comissões, no âmbito de setores acadêmicos e administrativos da UFRR por portaria.	15
Atividades profissionais	Estágio Extracurricular.	120

9 - ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A despeito da não obrigatoriedade do estágio supervisionado no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política), conforme parecer nº 224/2004 CNE/CES, decidiu-se pela inclusão do estágio no desenho curricular, frente às peculiaridades do curso e do contexto regional, já esboçadas em outras seções desse projeto, inclusive como forma de favorecer a inserção do aluno no mercado de trabalho. Os estágios serão realizados no penúltimo semestre do curso, direcionados ao Trabalho de Conclusão do Curso, TCC, com uma carga horária máxima de 120 horas, acompanhado e supervisionado por um docente do curso e de acordo com a especificidade das várias áreas de atuação do antropólogo e com a Resolução nº 012/2012-CEPE. O Instituto de Antropologia providenciará as parcerias com as organizações governamentais e não governamentais para realização dos mesmos. Entre as instituições que buscaremos as parcerias, podemos citar a Fundação Nacional do índio, FUNAI, Conselho Indígena de Roraima, CIR, Casa de Saúde do Índio de Roraima, Fundação Nacional de Saúde, FUNASA, Hospital Geral de Roraima, Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré, Organização dos Índios da Cidade, ODIC, Secretaria de Estado de Saúde, SESAU, Programas Sociais da Prefeitura de Boa Vista e do Governo do Estado de Roraima, Ministério Público Federal, Núcleos de Pesquisa da própria UFRR, Escolas Públicas Estaduais e Municipais, Programa Escola Aberta, entre outros.

10 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, é um trabalho de natureza científica sob orientação de um docente do curso de antropologia, ou cursos afins em uma das áreas especializadas da antropologia, elaborado individualmente. A carga horária total compreende 120 horas, considerando as disciplinas Elaboração de Projeto de TCC (60 horas cursadas no 6º. Semestre) e TCC (60 horas aulas a serem cumpridas no último semestre com acompanhamento do orientador).

Excepcionalmente, abre-se a possibilidade de apresentação de TCCs resultantes de pesquisas em grupo interdisciplinar, inclusive envolvendo possíveis discentes de cursos afins, desde que autorizados pela Coordenação do Curso e Colegiado do Instituto.

O TCC do curso de graduação em antropologia deve propiciar ao estudante:

- aprofundamento de conhecimentos teóricos/práticos, através do tema escolhido em uma das áreas de especialização da antropologia;
- execução do projeto de pesquisa;
- aprofundamento do processo de investigação científica;
- estímulo à produção científica, contribuindo para o enriquecimento das linhas de pesquisa existentes na universidade para o trabalho interdisciplinar;
- desenvolvimento do senso-crítico;
- promoção da socialização do saber científico produzido.

O TCC poderá ser apresentado nas seguintes modalidades:

- ensaio científico;
- artigo científico;
- monografia;
- vídeo etnográfico.

O ensaio científico é uma exposição do resultado e conclusões do estudo de um determinado tema antropológico. Uma explicação escrita, objetiva e conclusiva levado ao leitor para possível publicação, seguindo as normas da ABNT.

O artigo científico tem como finalidade a elaboração de uma síntese analítica de estudos e resultados de pesquisa. Este deve ser um meio rápido e sucinto de divulgar e tornar conhecidos os resultados sobre a pesquisa realizada, o referencial utilizado, os resultados e as dificuldades no processo investigativo. Os critérios de elaboração seguem o que determina a ABNT.

A elaboração da monografia segue o que determina a resolução em vigor da UFRR que dispõe sobre o assunto.

O vídeo etnográfico trata de uma produção que demonstre potencial técnico e criativo que expresse como o discente vê o mundo sob o olhar antropológico. O vídeo será apresentado, juntamente com uma ficha técnica e um relatório de como foi produzido. Excepcionalmente, projetos que proponham outras modalidades de TCC poderão ser apresentados ao Colegiado do Curso para apreciação e deliberação.

O TCC deverá ser pensado ao longo do curso e formatado com a disciplina Elaboração de projetos do TCC, voltada exclusivamente para este objetivo. Deverá ser apresentado a uma banca examinadora composta 03 professores. Poder-se-á convidar

professores de outros cursos e de outras instituições de ensino superior. Deverá ser entregue com antecedência de um mês a Coordenação do Curso para que sejam tomadas as providências necessárias para a composição da banca examinadora.

As especificações sobre a Coordenação do TCC estão definidas no Regulamento do TCC aprovado pelo Colegiado do Curso e na Resolução nº 011/2012-CEPE.

11 – SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O processo de avaliação enfocará o rendimento estudantil e o curso como um todo. A avaliação deve ser contínua e ampla tendo em foco, além do aluno, o desempenho docente, a infra-estrutura, coordenação, biblioteca, funcionários e instâncias superiores da UFRR. Nesse sentido, as reuniões do colegiado do curso e as consultas de opinião junto aos alunos são instrumentos que viabilizarão as avaliações participativas. Trienalmente será realizado um seminário de avaliação do Projeto Político Pedagógico do Curso envolvendo docentes e discentes.

Ações continuadas relacionadas aos aspectos didáticos pedagógicos serão discutidas em reuniões do corpo docente ao início de cada período letivo com os objetivos de: acompanhar o desempenho dos discentes, tanto de forma coletiva quanto individual; analisar planos de ensino das disciplinas buscando uma maior articulação dos conteúdos e atualizações bibliográficas e analisar questões relativas à repetência e evasão.

12 – SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de ensino-aprendizagem envolve três momentos: o planejamento, a execução e a avaliação. Todo esse processo será realizado de forma contínua. O que não dispensa momentos voltados especialmente para este fim, geralmente ao final do bimestre ou ao término de um item do programa. Esse olhar de avaliação envolve tanto o docente quanto o discente, sendo que, o papel do docente é gerenciar o processo de avaliação, competindo a este a quantificação em forma de nota. O diálogo é a base dessa concepção avaliativa. Neste sentido, o erro faz parte do processo de aprendizagem. Ele revela limites, falhas e dificuldades, devendo estimular a busca de aperfeiçoamento.

A avaliação deve contemplar, além do resultado final, todo o processo construtivo de sua elaboração. Isso inclui a avaliação do ensino-aprendizagem nos seus vários aspectos, incluindo a performance do educador, o desempenho do educando, a criatividade, a pertinência e a relevância dos temas estudados, as fontes indicadas, a cooperação grupal e a relação professor-aluno.

A escolha do tipo de avaliação do aproveitamento depende da metodologia utilizada nas aulas, buscando a coerência entre a forma como se trabalhou os conteúdos e a forma como se avalia. Nesse sentido poderão ser utilizados os seguintes técnicas e instrumentos: provas escritas dissertativas individuais, com ou sem consultas; provas orais desde que acompanhadas de registros específicos; trabalhos individuais e/ou em grupos sobre temáticas e/ou bibliografia; desenvolvimento de seminários sobre temáticas, teorias e/ou autores; fichamento e resenha sobre autores e obras; trabalhos e relatórios sobre atividades pedagógicas de caráter teórico ou prático como: estágios supervisionados, atividades de pesquisa e extensão.

Outras formas de avaliação poderão ser elaboradas pelos docentes, aprovadas pelo Colegiado, devendo-se observar que as verificações de aprendizagem na forma não escrita devem, obrigatoriamente, utilizar registros adequados que possibilitem a instauração do processo de revisão. Exceto a aula prática do Estágio Supervisionado.

A avaliação do estudante, realizada pelo professor, será expressa de acordo com a regulamentação vigente do Departamento de Controle e Registro Acadêmico - DERCA da UFRR (Resolução 015/2006-CEPE).

13 – RECURSOS HUMANOS

O corpo docente do curso, inicialmente, será constituído pelos professores já lotados no Departamento de Antropologia.

Docentes

Nome	Titulação	Regime de Trabalho	Horas Semanais de Trabalho
Carlos Alberto Marinho Cirino	Doutor	DE	40
Elaine Moreira	Doutora	DE	40
José Carlos Franco de Lima	Doutor	DE	40
Olendina de Carvalho Cavalcante	Doutora	DE	40
Marcos Antonio Pellegrini	Doutor	DE	40

Carmen Lúcia Silva Lima	Doutora	DE	40
Marisa Barbosa Araújo Luna	Doutora	DE	40
Madiana Valéria de Almeida Rodrigues	Doutora	DE	40
Técnico Administrativo			
Moisés de Lima Silva Júnior	Ac. Direito		40

Para atender o desenho curricular do curso, faz-se necessária a contratação de 03 professores de áreas afins: 01 professor de Filosofia; 01 de Ciência Política; 01 de História.

Perfil dos docentes:

Carlos Alberto Marinho Cirino – Professor Associado

- Doutor em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/2000.
- Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC/1990.
- Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará – UFC/1988.
- Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR/1982.
- Bacharel em Direito pela Faculdade Atual da Amazônia – ATUAL.

Área de atuação: etnologia indígena, laudos periciais, territorialidade, direito indígena, parentesco, violência sexual e antropologia da complexidade.

José Carlos Franco de Lima – Professor Adjunto

- Doutor em Ciências Sociais – Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, 2000.
- Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, 1995.
- Especialização em Antropologia Filosófica pela Universidade Federal do Paraná/UFPR.
- Graduação em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque-FEBE/BR.

Área de atuação: representações simbólicas, antropologia do movimento corporal.

Olendina de Carvalho Cavalcante – Profa. Adjunta

- Doutora em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, 2010;
- Mestre em Latin American Studies pela Universidade da Flórida, Estados Unidos, 2002;
- Especialização em Antropologia da Amazônia pela Universidade Federal da Amazônia-UFAM, 1997;
- Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas –UFAM, 1993.

Área de atuação: etnologia indígena, com foco na narrativa, memória, territorialidade, identidade e gênero.

Elaine Moreira- Professora Assistente

- Doutora em Anthropologie Sociale et Ethnologie. École des Hautes Études em Sciences Sociales, EHESS/França, 2012;
- Mestre em Anthropologie Sociale et Ethnologie. École des Hautes Études em Sciences Sociales, EHESS/França, 1992;
- Especialização em Antropologia Urbana pela Universidade Estadual de Campinas/Unicamp; 1992;
- Bacharel em Ciências Sociais – Hab.Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas/Unicamp; 1986.

Área de atuação: etnologia indígena, cultura, preconceito, educação indígena e redes sociais ye'kuana.

Marcos Antonio Pellegrini – Professor Adjunto

- Doutor em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- Mestre em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- Graduação em Medicina. Escola Paulista de Medicina (Universidade Federal do Estado de São Paulo), 1986.

Área de atuação: antropologia da saúde, etnologia indígena, literatura oral e performance.

Carmen Lúcia Silva Lima - Professora Adjunta

- Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2010.
- Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2007.
- Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará – UFC, 2004.

Área de atuação: etnicidade e relações interétnicas, etnologia indígena, conhecimentos tradicionais e antropologia urbana.

Marisa Barbosa Araújo Luna – Professora Adjunta

- Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2012.
- Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003.
- Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1997.

Área de atuação: antropologia rural, populações tradicionais, territorialidades, gestão de recursos naturais de uso comum, educação do campo.

Madiana Valéria de Almeida Rodrigues – Professora Adjunta

- Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2012
- Pós-doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2010.
- Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2006.
- Estágio Doutoral pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales - Paris, EHESS, 2005.
- Mestre em Antropologia em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2000.
- Formação de Psicóloga pela Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro, UGF, 1994.

- Bacharel em Psicologia pela Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro, UGF, 1993.
- Licenciada em Psicologia pela Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro, UGF, 1993.

Área de atuação: antropologia urbana, etnografias do capitalismo, políticas públicas, gênero, saúde e sexualidade, simbolismo e imaginário.

14 – INFRAESTRUTURA MATERIAL E TECNOLÓGICA

O Curso de Antropologia conta com prédio próprio, do Instituto de Antropologia, inaugurado em fevereiro de 2012, com área aproximada de 700 m², distribuído em cinco salas de aulas equipadas com projetores, telas retráteis e caixas e som, auditório com capacidade para 120 pessoas equipado com projetor, tela retrátil e aparelhagem de som, quatro salas de professores, laboratório de informática equipado com 30 terminais de computadores, copa, banheiros, salas de coordenação e direção e pontos de internet distribuídos por todo o prédio.

Além do acervo da Biblioteca Central da UFRR que dispõe de 655 títulos em Antropologia e mais de três mil em áreas afins (Ciências Sociais, Sociologia, Filosofia, Psicologia e História) o Curso dispõe também do acervo do Núcleo Histórico Socioambiental (NUHSA) que conta com 175 títulos e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

A complementação do acervo se dará conforme as revisões do Projeto Político Pedagógico.

15 - REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CES 08/2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Despacho do Ministro, Republicado no *Diário Oficial da União* em 13/09/2007 por ter saído no *DOU*, de 13/06/2007, seção 1, página 11, com incorreção no original. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces008_07.pdf . Consultado em 21 de janeiro de 2011.
- CIRINO, Carlos. Historia da antropologia da UFRR e os 50 anos da ABA. In: ECKERT, Cornelia et GODOI, Emília Pietrafesa (orgs). *Homenagens – Associação Brasileira de Antropologia 50 anos*. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- GROSSI, Miriam Pillar. Pós-graduação, graduação e especialização: novas demandas de formação em antropologia. In: GROSSI, Miriam Pillar, TASSINARI, Antonella et RIAL, Carmen (orgs). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. ABA, Florianópolis: Nova Letra, 2006.
- MELATTI, Julio Cezar. *História da Antropologia no Brasil*, S/D.Mimeo.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. *Totalização da População na Faixa Etária de 16 a 70 anos segundo sexo e escolaridade, das famílias que possuem origem indígena por bairro*. Boa Vista: Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania, 2003.
- TAVARES, Fátima; GUEDES, Simoni Lahud; CAROSO, Carlos (org.). *Experiências de Ensino e Prática em Antropologia no Brasil*. Brasília: ABA/Ícone Gráfica e Editora, 2010.
- TRAJANO FILHO, Wilson. Quebrando (ainda que lentamente) a inércia: Uma proposta de criação do curso de graduação em antropologia. In: GROSSI, Miriam Pillar, TASSINARI, Antonella et RIAL, Carmen (orgs). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. ABA, Florianópolis: Nova Letra, 2006.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Curso de Graduação em Antropologia: Proposta de reformulação do projeto pedagógico e alteração no título do curso*. Rio Tinto: Centro de Ciências Aplicadas e Educação, 2009/2010.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução no. 016/2006- CEPE – Dispõe sobre a avaliação do rendimento escolar na UFRR e dá outras providências.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução nº 002/2012- CEPE - Cria o Núcleo Docente Estruturante – NDE, no âmbito da Universidade Federal de Roraima.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução nº 009/2012- CEPE - Normas para elaboração e reformulação dos PPP's dos cursos de graduação da UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução nº 011/2012- CEPE - Dispõe sobre as normas da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso dos cursos de graduação oferecidos pela UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução nº 012/2012-CEPE - Estabelece as normas para a realização dos estágios supervisionados obrigatório e não obrigatório dos discentes dos cursos de graduação e ensino médio profissionalizante da UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Resolução nº 014/2012-CEPE - Dispõe sobre as normas gerais das atividades complementares como componente curricular nos cursos de graduação da UFRR.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Projeto Pedagógico de Criação de Curso de Bacharelado em Antropologia*. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia. Benjamin Constant: Instituto de Natureza e Cultura, 2008.

APÊNDICE A – PROPOSTAS DE MUDANÇAS NA ESTRUTURA CURRICULAR

Vigente	Alteração	Proposta atual
1º. Período		
Introdução à Antropologia	Mantida	Introdução à antropologia
Teoria do Estado	transformada Introdução à ciência política.	Introdução à ciência política
Teoria do Conhecimento	mantida 2 semestre	Introdução à sociologia
Teoria da Linguagem	mantida 2 semestre	História geral
Normatização de Trab. Científico	tr Metodologia do trabalho científico	Metodologia do trabalho científico
Ruptura, Trad. Mov. Sociais da Mod.	Síntese com Antropologia das Sociedades Complexas	
Total Créditos 1º. Período	24	20
2º. Período		
Paradigma Antropológico I	mantida	Teoria antropológica I
Antropologia Lingüística	mantida período 4	Teoria do conhecimento (introdução a filosofia)
Grupos pres. e virt. de pesq. e aprendizagem	Síntese com metodologia do trabalho científico	Antropologia no Brasil
Técnica etnográfica	mantida período 3	História política e econômica do Brasil
Antropologia das Soc. Complexas	mantida período 5	Teorias da linguagem
Antropologia Política	mantida período 5	
Total Créditos no 2º. Período	24	20
3º. Período		
América Indígena	Síntese com Etnologia Indígena	Teoria antropológica II
Antropologia Visual	Mantida período 6	Estudos históricos da Amazônia
Paradigma Antropológico II		Etnografia
Eletiva I		Construção social da identidade
Antropologia da Saúde	Mantida período 6	Organização social e parentesco
Antropologia Jurídica	Mantida período 5	
Total Créditos no 3º. Período	24	20
4º. Período		
Etnohistoria	Mantida como eletiva	Teoria antropológica III
Antropologia do Corpo	Mantida como eletiva	Etnologia indígena
Elaboração e gestão de projetos culturais	Síntese com patrimônio cultural e memória	Antropologia das sociedades complexas
Eletiva II		Gênero e sexualidade
Etnologia Indígena	Mantida	Antropologia linguística
Hist. Pol. Econômica do Brasil	Mantida no período 1	
Total Créditos no 4º. Período	24	20
5º. Período		
Eletiva III		Eletiva I
Gênero, sexualidade e reprodução	Mantida no período 4	Antropologia política
Antropologia da Religião	Mantida	Antropologia da religião

Antropologia das Migrações	Mantida como eletiva	Antropologia do direito
Estudos Históricos da Amazônia	Mantida no período 3	Patrimônio cultural e memória
Total Créditos no 5º. Período	20	20
6º. Período		
Elaboração Projeto TCC	Mantida	Elaboração Projeto TCC
Patrimônio Cultural e Memória	Mantida no período 5	Antropologia visual
Eletiva IV		Antropologia dos estudos rurais
Const. Social da Identidade	Mantida no período 3	Antropologia da saúde
Etnias indígenas de Roraima	Mantida como eletiva	Relações interétnicas e raciais
Total Créditos no 6º. Período	20	20
7º. Período		
Laudos Antropológicos	Mantida como eletiva	Estágio supervisionado 8
Eletiva V		Eletiva II
Tópico Especiais I	Mantida	Eletiva III
Estágio Supervisionado	Mantida	Tópicos especiais I
Relações Interétnicas e Raciais	Mantida no período 6	
Total Créditos no 7º. Período	24	24
8º. Período		
Tópicos Especiais II	Mantida	Tópicos especiais II
Tópicos Especiais III	Mantida	Tópicos especiais III
TCC	Mantida	Trabalho de conclusão de curso
Atividades complementares	Mantida	Atividades complementares
Total Crédito no 8º. Período	28	28
Total Geral de Créditos	188	172

ANEXO A : EMENTAS



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA			CÓDIGO: CAN-01
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X)		<input type="checkbox"/> Semi-Presencial ()
		<input type="checkbox"/> A distância ()	
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
O Estranhamento: alteridade e etnocentrismo. A historiografia moderna frente ao imaginário europeu do século XVI. A crítica iluminista da sociedade: Lery, Montaigne e Rousseau (sec. XVIII). Evolucionismo Social. Diferença e universalidade ou universalismo e particularismo: reflexões sobre a diversidade cultural.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
TODOROV, Tzvetan. <i>A Conquista da América</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1983.			
MELLO E SOUZA, Laura de. <i>O diabo e a terra de Santa Cruz</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1986.			
MONTEIRO, John. <i>Negros da terra</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1994.			
LÉRY, Jean de. <i>Viagem à terra do Brasil</i> . São Paulo: Martins, 1941.			
MONTAIGNE. Dos canibais, <i>Os pensadores</i> . São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp 100-106.			
ROUSSEAU. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, <i>Os pensadores</i> . 3a. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.			
MORGAN, L.H. (1877). A Sociedade Antiga in: CASTRO, C. <i>Evolucionismo Cultural - Textos de Morgan, Tylor e Frazer</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.			
TYLOR, E.B. (1871). A Ciência da Cultura in CASTRO, C. <i>Evolucionismo Cultural – Textos de Morgan, Tylor e Frazer</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.			
FRAZER, J.G. (1908).O Escopo da Antropologia Social In CASTRO, C. <i>Evolucionismo Cultural – Textos de Morgan, Tylor e Frazer</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.			
LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História in <i>Antropologia Estrutural 2</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.			

Complementar

MINER, Horace. *O ritual do corpo entre os Nacirema*. Versão em Word. Traduzido de e Body ritual among the Nacirema. In *American Anthropologist*. Vol. 58, 1956. pp. 503-507

LÉVI-STRAUSS, C. Jean-Jacques Rousseau: O Fundador das Ciências do Homem, in *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. pp. 41-51.

LÉVI-STRAUSS, C. Natureza e Cultura in *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem in *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pp. 45-66.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA : INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLITICA

CÓDIGO: CAN-41

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Política e Ciência Política. Poder político. Autoridade, legitimação e dominação. Concepções de Estado. A formação dos Estados nacionais. A política em Maquiavel. As teorias contratualistas: Locke, Hobbes e Rousseau. Formas de Governo e Escolha de Governantes. Sistemas Eleitorais. A questão democrática. Política e globalização.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BOBBIO, Norberto. Estado, Governo, Sociedade. *Para uma teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

DAHL, Robert A. *Sobre a democracia*. Brasília: UnB, 2001

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Ed. Abril Cultural.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MARX, Karl Marx e ENGELS, Frederick. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

PARSONS, Talcot. O conceito de poder político in CARDOSO, F.H., MARTINS, C.E. *Política e sociedade*. SP: Ed. Nacional, 1979.

PLATÃO. *A República*. São Paulo-SP: Martin Claret, 2003.

LOCKE, J. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

WEBER, Max. Política como vocação. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2002.

Complementar

BOBBIO , Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

CARNOY , Martin. *Estado e teoria política*. Ed. Campinas: Papyrus , 2001.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LIPSET, Seymour M. *Política e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

SEILER, Daniel-Louis. *Os partidos políticos*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2000.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA			CÓDIGO: CAN-42
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X)	<input type="checkbox"/> Semi-Presencial ()	<input type="checkbox"/> A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
A construção do conhecimento sociológico. Objeto de estudo e métodos em sociologia. A sociologia positivista de Emile Durkheim. O materialismo histórico e dialético de Karl Marx. A sociologia compreensiva de Max Weber. Pensamento Social Contemporâneo: a praxeologia de Pierre Bourdieu; a Escola de Frankfurt; o pós-modernismo de Michel Foucault, Boaventura de Souza Santos e outros. A contribuição da sociologia brasileira.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
ARON, Raymond. <i>As etapas do pensamento sociológico</i> . SP: Martins Fontes, 5 ed.1999.			
DURKHEIM, E. <i>As regras do método sociológico</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
FOUCAULT, Michel. <i>Microfísica do Poder</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1979.			
MARTINS, José de Souza. Florestan Fernandes: ciência e política, uma só vocação. In FERNANDES, Florestan. <i>Sociologia e Consciência Social no Brasil</i> . São Paulo: Ed. Da USP, 1998. p. 55-86.			
MARX, K. <i>O Capital - Para a Crítica da Economia Política</i> . 13a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.			
MILLS, W. <i>A Imaginação Sociológica</i> . RJ: ZAHAR, 1965.			
PARSONS, T. A interação social. In CARDOSO, F.H. IANNI, O. <i>Homem e Sociedade</i> . São Paulo: Editora Nacional, 1970. p.125-127.			
WEBER, M. <i>A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo</i> . São Paulo: Pioneira, 2001.			
GERTH, H. H. e MILLS, C. W. (orgs.). <i>Ensaio de Sociologia</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1971.			
SANTOS, Boaventura de Souza. Subjetividade, cidadania e emancipação. In SANTOS, Boaventura de Souza. <i>Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade</i> . São Paulo: Cortez, 1995. p. 235-280.			

Complementar

CASTRO, Ana Maria. *Introdução ao Pensamento Sociológico*. São Paulo: Cortez, 1993.

DEMO, Pedro. *Introdução a Sociologia: complexidades, interdisciplinaridade e desigualdade social*. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FREITAG, Bárbara. O histórico da Escola de Frankfurt. In *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 9-30.

IANNI, Octávio. A produção sociológica brasileira. In IANNI, Otávio. *Sociologia e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1975. p. 17-56

(Org). MARX. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. nº 10 de Sociologia. São Paulo: Ática. 1984.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL			CÓDIGO: CAN-43
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Transição da Idade Média para os Tempos Modernos: O iluminismo. A constituição do antigo regime: Economia, a Sociedade e a Cultura. A crise do Antigo Regime: as principais revoluções (Inglaterra e França). O período contemporâneo: a consolidação do capitalismo e da Antropologia como ciência. As mudanças do capitalismo no século XIX e XX.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
FRANCO JUNIOR, Hilário. <i>A Idade Média: Nascimento do Ocidente</i> . 2ª Edição, São Paulo: Brasiliense, 2001.			
PEDRER-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. <i>História da Idade Média</i> . São Paulo: Editora UNESP, 2000.			
CORVISIER, André. <i>História Moderna</i> . São Paulo: Edit. Difel, 1983.			
CERQUEIRA, Adriano. <i>Europa na Idade Moderna</i> . Editora Le, 2001.			
GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. <i>Revolução Francesa e Iluminismo</i> . Edit.Contexto, 2003.			
ROGER, Chartier. <i>Origens Culturais da Revolução Francesa</i> . São Paulo: Unesp, 2000.			
HOBSBAWN, Eric. J. <i>Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo</i> . Edit. Forense, 2009.			
BLAINÉY, Geoffrey. <i>Uma Breve História do Século XX</i> . Editora Fundamentos, 2010.			
LOWE, Norman. <i>História do Mundo Contemporâneo</i> . Edit.Penso-artmed, 2011.			
RANDLES, W.G.L. <i>Para uma Historia Antropológica</i> . Edit. 70, 1996.			
Complementares			

GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Edit. Estampa, s/d.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Companhia do Bolso, 2001.

IGLESIAS, Francisco. *Revolução Industrial*. Edit.Brasiliense, 1996.

KEMP, Tom. *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*. Edit.70, 1987.

ANDRESS, David. *O Terror: Guerra e a Revolução Francesa*. Editora Record, 2009.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO			CÓDIGO: CAN-44
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Introdução ao ensino da metodologia científica; Observação participante e produção do conhecimento antropológico; Tipos de métodos científicos; Tipos de pesquisa, Método etnográfico; Técnicas para análise de textos; Apresentação gráfica e fotográfica; Normas da ABNT; Composição estrutural de trabalhos acadêmicos; Estrutura de artigo; Resenhas; Projeto de Pesquisa; Relatório de Pesquisa; Elaboração de monografia.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Org.). <i>Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático</i> . 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.			
CARDOSO, R. (Org.). <i>Aventura antropológica: Teoria e Pesquisa</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.			
CARDOSO DE OLIVEIRA, R. <i>O trabalho do antropólogo</i> . Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.			
DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In NUNES, E. de O. (Org.). <i>A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.23-35.			
DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In CARDOSO, R. C. L. (Org.). <i>A aventura antropológica: teoria e pesquisa</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.17- 37.			
ELIAS, N. & SCOTSON, J. <i>Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2000.			
EVANS-PRITCHARD, E. <i>Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.			
FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). <i>Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos</i> . São Paulo: Global Editora, 1987.			

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Complementar

BARROS, Aidil de J. P.; LEHFELD, Neide aparecida de S. *Projeto de pesquisa - propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 2001. ISBN: 85.326.0018-2.

GONÇALVES DA SILVA, V. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SALOMON, D.V. *Como fazer monografia*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. – 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. ISBN: 978-85-249-1311-2.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: TEORIA DO CONHECIMENTO

CÓDIGO: CAN-03

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

O que é a Teoria do Conhecimento. As origens da Teoria do Conhecimento. Teoria do Conhecimento, Epistemologia e Filosofia da Ciência . As divisões da teoria do conhecimento. Os problemas universais da Teoria do Conhecimento. O conhecimento comum, a atitude intelectual e a atitude filosófica. Certeza, Verdade e Justificação: estrutura e condições do Saber verdadeiro. Entre a Ética, as ciências e a Metafísica: o valor e as fontes do conhecimento. Paradigmas epistêmicos fundamentais a Teoria do Conhecimento. Razão e entendimento. Razão e Sensibilidade. Intuição e conceito. Teoria do conhecimento nos modernos. Verdade e evidência. Idéias. Causalidade. Indução. Método.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relumê&Dumará, 1994.

HABERMAS, J. *Verdade e Justificação*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HUSSERL, Edmund. *A idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1996.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MORIN, Edgard. *Ciência com Consciência*. Publicações Europa América, 1994.

POPPER, Karl. *Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

Complementares

HABERMAS, Jungen. *Conhecimento e Interesse*. Frankfurt: SuhrKamp Verlag, 1968.

WILBER, Ken. *O espectro da consciência*. São Paulo, Cultrix, 1991.

RICAEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. 3 ed. Rio, Francisco Alves, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: TEORIA ANTROPOLÓGICA I

CÓDIGO: CAN-45

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

CAN-01

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

A Antropologia Norte-americana: Boas e seus primeiros discípulos. A Antropologia Francesa: Durkheim, Mauss. A Antropologia Britânica: Malinowski, R. Brown e E. Pritchard.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BOAS, F. (1896).As Limitações do Método Comparativo da Antropologia In CASTRO, C. (org.) *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 25-39

KROEBER, A. (1917). O Superorgânico In *A Natureza da Cultura*. Lisboa: Perspectiva, 1993. p. 39-79.

BENEDICT, R. (1934). *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. p. 09-21.

MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 19-27; 293-303.

DURHEIM, Émile. O que é fato social in: *Durkheim*, São Paulo: Ática, 1988. p. 46-52.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva in: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp.185-264

MALINOWSKI, B. *Uma Teoria Científica da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 13-47.

RADCLIFFE- BROWN, A. R. Sobre o conceito de função em ciências sociais e Sobre a estrutura social. In *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes. p. 220-251.

RADCLIFFE- BROWN, A R. O método comparativo em antropologia social In: RADCLIFFE, Brown. São Paulo: Ática, 1978. p.43-58

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 37-71

Complementares

BOAS, F. Os métodos da etnologia in CASTRO, C. (org.) *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p.41-52.

BOAS, F. (1932) Os objetivos da pesquisa antropológica in Castro, C. (org.) *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 87-109.

SAPIR, E. (1924). Cultura autêntica e espúria in PIERSON, D. (org.) *Estudo de Organização Social*. São Paulo: Martins Editora. p. 281-311.

DURKHEIM, E. (1912). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989. p 29-79.

MALINOWSKI, B. (1922). *Bronislaw Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986. p. 24-48 e p. 85-106.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA NO BRASIL			CÓDIGO: CAN-46
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
SEMESTRE:			
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
A constituição do campo da Antropologia no Brasil. Principais orientações teóricas e temáticas tratadas na pesquisa antropológica no Brasil. A prática da pesquisa antropológica no Brasil contemporâneo. Aspectos da institucionalização e desenvolvimento da Antropologia no Brasil. Tendências, contribuições e desafios.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
CABRAL, João Pina. Uma história de sucesso: a antropologia brasileira vista de longe. In TRAJANO FILHO, W. e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.) <i>O campo da antropologia no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.			
CORREIA, Mariza. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)” . In MICELI, S. (org.), <i>História das ciências sociais no Brasil</i> , vol. 2, São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1995.			
OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O antropólogo como perito: entre o indianismo e o indigenismo. In L’ESTOILE, Benoît, NEIBURG, Federico e SIGAUD, Lygia. <i>Antropologia, impérios e estados nacionais</i> . Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.			
FONSECA, Cláudia. Antropólogos para quê? O campo de atuação profissional na virada do milênio. In FILHO, Wilson Trajano e RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs). <i>O campo da antropologia no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Conta Capa/ABA, 2004.			
MELATTI, Júlio Cezar. Antropologia no Brasil: um roteiro. In <i>O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil</i> . São Paulo: Cortez: ANPOCS, 1990.			
MONTERO, Paula. Antropologia no Brasil: tendências e debates. In FILHO, Wilson Trajano e RIBEIRO, Gustavo Lins. <i>O campo da antropologia no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Contra Capa/ABA, 2004.			
OLIVEIRA, R. Cardoso de. Antropologias periféricas versus antropologias centrais. In <i>O trabalho do antropólogo</i> . Brasília / São Paulo: Paralelo 15 / Editora da UNESP, 1998.			
OLIVEN, Ruben George. A reprodução da antropologia no Brasil in TRAJANO FILHO, W. e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.) <i>O campo da antropologia no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Contracapa,			

2004. pp. 213-226.

PEIRANO, Mariza. Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada). IN MICELI, Sergio. *O que ler nas Ciências Sociais Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré: ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Etnologia Brasileira. In MICELI, Sérgio. *O que ler nas Ciências Sociais Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré: AMPOCS; Brasília: CAPES, 1999.

Complementar

CORRÊA, Mariza. *Antropólogas e antropologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia. In LANGDON, Esther Jean e GARNELO, Luiza (org). *Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. Contra Capa/ ABA, 2004.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A Antropologia Brasileira entre Políticas Neoliberais e a Globalização In *Série Antropologia*. Brasília: DAN/UnB, 2004.

MONTERO, Paula. Tendências da pesquisa antropológica no Brasil. In GROSSI, Mirriam Pillar; TASSINARI, Antonella e RIAL, Carmen (Orgs). *Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

PEIRANO, Mariza. A Antropologia como Ciência Social no Brasil. In *Etnográfica*, Vol IV, p. 219-232, 2000.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: HISTÓRIA POLÍTICA E ECONÔMICA DO BRASIL			CÓDIGO: CAN-23
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
<p>Particularidades do processo de formação da sociedade brasileira: pressupostos econômicos e políticos da colonização. Herança colonial e estruturação das relações sociais. A sociedade senhorial e latifundiária. A formação social brasileira no século XIX. A construção do Estado nacional. Diversificação produtiva e imigração. Escravismo e trabalho assalariado. As bases sociais da dominação e da subordinação.</p> <p>A formação social brasileira no século XX. Desenvolvimento nacional e sociedade dependente. Modernização capitalista e classes sociais. Dilemas contemporâneos da sociedade brasileira: reconstrução nacional e formas de inserção internacional. Desigualdade social e consolidação democrática.</p>			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
<p>NOVAIS, Fernando Antônio. <i>Aproximações: Estudos de História e Historiografia</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 17-22; 45-60; 139-153; 205-223.</p> <p>PRADO JR., Caio. O Sentido da Colonização; Povoamento; Povoamento Interior; Correntes de Povoamento in <i>Formação do Brasil Contemporâneo</i>. São Paulo: Brasiliense, 1987.</p> <p>FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. A Dominação Pessoal in <i>Homens Livres na Ordem Escravocrata</i>. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.</p> <p>PRADO JR., Caio. A Revolução in <i>Evolução Política do Brasil e Outros Estudos</i>. São Paulo: Brasiliense, 1972.</p> <p>LEAL, Victor Nunes. Indicações sobre a Estrutura e o Processo do “Coronelismo” e Considerações Finais in <i>Coronelismo, Enxada e Voto</i>. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.</p> <p>FAORO, Raymundo. A Viagem Redonda: do Patrimonialismo ao Estamento in <i>Os Donos do Poder</i>. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.</p> <p>FURTADO, Celso. <i>Formação Econômica do Brasil</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (5ª parte – capítulos 30 a 36).</p>			

CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984 (capítulos V e VI).

SANTOS, Theotônio dos. *A Teoria da Dependência: Balanço e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (Parte 1).

WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 (capítulo III).

FIORI, José Luís. O Nó Cego do Desenvolvimentismo Brasileiro in: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1994. n° 40.

Complementares

FERNANDES, Florestan. *O Desencadeamento Histórico da Revolução Burguesa. A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FURTADO, Celso. *A Fantasia Organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 (capítulo XIII).

FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 (1ª, 3ª, 4ª, 6ª e 7ª partes).

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro: O Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires, CLACSO, 2000 (capítulos 1 e 2).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: TEORIAS DA LINGUAGEM			CÓDIGO: CAN-04
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Introdução ao estudo das principais teorias lingüísticas e abordagens filosóficas da linguagem. O estruturalismo lingüístico. As funções da linguagem. Teoria dos atos da fala. Linguagem e subjetividade. Competência lingüística. Relações entre teorias antropológicas e teorias da linguagem.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
BENVENISTE, Émile. <i>Problemas de lingüística geral I</i> . Campinas: Editora da Unicamp, 1995. (Cap. 20 – A natureza dos pronomes, p. 277-283; Cap 21. Da subjetividade na linguagem, p.284-293).			
CHOMSKY, Noam. <i>Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente</i> . São Paulo, UNESP, 2002.			
CULLER, Jonathan. A teoria saussuriana da linguagem in <i>As idéias de Saussure</i> . São Paulo: Cultrix, 1976. p. 13-43.			
FLUSSER, Vilém. <i>Língua e realidade</i> . São Paulo, AnnaBlume, 2004. (Cap 1 e 2. p 28-129).			
JACKOBSON, Roman. <i>Lingüística e comunicação</i> . São Paulo: Cultrix, 1999.			
LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e antropologia in <i>Antropologia Estrutural</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p.85-99.			
MORENO, Arley R. <i>Wittgenstein: os labirintos da linguagem</i> . Campinas: Moderna/Unicamp, 2003.			
ROUSSEAU, Jean-Jacques. Ensaio sobre as origens das línguas no qual se fala da melodia e da imitação musical. <i>Os Pensadores</i> . São Paulo: Nova Cultural, 1987. p.157-199.			
SEARLE, John R. Uma taxinomia dos atos ilocucionários in <i>Expressão e significado: um estudo da teoria dos atos da fala</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 1-45.			
WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. <i>Os Pensadores</i> . São Paulo, Nova Cultural,			

1999. (p. 5-63).

Complementares

BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da lingüística. In NORMAND, Claudine. *Convite à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-22.

BENJAMIM, Walter. Sobre el language em general y sobre el language de los hombres. In *Sobre o programa da filosofia futura y otros ensayos*. Caracas, Monte Ávila, 1970.

BLECUA, José Manuel. *Revolução na lingüística*. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas). Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

BORGES, Madalena G. M. C. A teoria dos atos da fala: aspectos importantes do desenvolvimento teórico conceitual. In *O desafio da web e do e-learning em particular: proposta de um modelo teórico para análise dos testes dos softwares educacionais*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). UFRJ, 2002 (p. 30-58).

HJELMSLEV, Louis Trolle. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975. p 183-219.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: TEORIA ANTROPOLÓGICA II			CÓDIGO: CAN-47
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	CAN-45
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
O estruturalismo francês e suas influências na antropologia inglesa. O processualismo inglês. A antropologia interpretativa norte americana. Relação estrutura/evento. Cultura como invenção. Cultura e poder.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>Antropologia Estrutural</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. (Cap I – História e etnologia., p. 13 – 41; Cap. IX – O feiticeiro e sua magia, p. 193- 213; Cap. X – A eficácia simbólica, p. 215- 236; Cap. XV- A noção de estrutura em etnologia, p- 313- 360.)			
LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>As estruturas elementares do parentesco</i> . Petrópolis: Vozes,1982. (Cap. I – Natureza e cultura, p. 41-49, Cap. II – O problema do incesto, p. 50-81; Cap. III. - O Universo das regras, p. 69-81).			
LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>O pensamento selvagem</i> . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Cap. I – A ciência do concreto, p- 19- 55).			
GODELIER, Maurice. <i>O enigma do dom</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Introdução e parte do Cap. I – O legado de Mauss, p. 7-54).			
GEERTZ, Clifford. <i>A interpretação das culturas</i> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (Cap I – Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, p. 13-41; Cap. 2 O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem, p. 45-66, Cap. 4 – A religião como um sistema cultural, p. 101- 142).			
GEERTZ, Clifford. <i>O saber local: novos ensaios sobre antropologia interpretativa</i> . Petrópolis: Vozes, 2000. (Cap 3 – “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico, p. 85-107).			
GEERTZ, Clifford. <i>Obras e vidas: o antropólogo como autor</i> . Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005. (Cap. 1 – Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita, p. 11-39; Cap. 6 – Estar aqui: de quem é a vida, afinal?, p. 169- 193).			

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. (Cap 5 – Estrutura e história, p. 172 – 194)

SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Introdução – História e teoria estrutural, p. 19-28; Conclusão: estrutura na história, p. 125-134).

KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002.

Complementares

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1988. (Cap I – Tempo e Tradição: interpretando a antropologia, p. 13-25; Cap. 4 – A categoria da desordem e a pós-modernidade na antropologia, p. 91-107)

GOLDMAN, Márcio. Lévi-Strauss e os sentidos da História. *Revista de Antropologia*, vol.42, no. 1-2, p.223-238, 1999.

KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.(Cap. VI – Leach e Gluckman: para além da ortodoxia, p. 169-196 e Cap VII – Lévi-Strauss e o neo-estruturalismo britânico, p 197-218).

LÉVI-STRAUSS, Claude & ERIBON, Didier. *De perto e de longe*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

MERCIER, Paul. *Historia da antropologia*. São Paulo: Editora Moraes, s/d.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ESTUDOS HISTÓRICOS DA AMAZÔNIA			CÓDIGO: CAN-27
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
<p>Os primeiros habitantes. A ocupação colonial. A economia extrativista. A cabanagem. Os grandes projetos de desenvolvimento. Sociedade e meio ambiente.</p>			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
<p>ARAGON, Luis E. e OLIVEIRA, José A (org.). <i>A Amazônia no cenário sul-americano</i>. Manaus: Edua, 2009.</p> <p>ADAMS, C., MURRIETA, R., NEVES, W. (org.) <i>Sociedades caboclas amazônicas. Modernidade e invisibilidade</i>. São Paulo: Annablume, 2006.</p> <p>BECKER, B. K. <i>Amazônia</i>. São Paulo: Atica, 1991.</p> <p>CHIAVENATO, Julio José. <i>A cabanagem</i>. São Paulo: Brasiliense, 1985.</p> <p>FARAGE, Nadia. <i>As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas do rio Branco e a colonização</i>, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. capítulo 4. pp. 121-168</p> <p>FERRETTI, José F. & RAMALHO, José R. (org.) <i>Amazônia: desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural</i>. São Luiz: Edufma, 2009.</p> <p>HEMMING, Jonh. <i>Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros</i>. São Paulo: Edusp, 2007.</p> <p>PORRO, Antonio. <i>O povo das águas; ensaios de etno-história amazônica</i>. Petrópolis: Vozes, Edusp, 1996.</p> <p>ROOSEVELT, Anna. Arqueologia Amazônica. In CUNHA, M.C. da (org.) <i>História dos indos no Brasil</i>. São Paulo; Companhia das Letra, 1992.</p> <p>WEINSTEIN, Baebara. <i>A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)</i>. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.</p>			

Complementar

D'INCAO, M. A. & SILVEIRA, I. M. da (org.) *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1994.

HARDMAN, Francisco F. *Trem fantasma. A ferrovia Madeira-Mamoré*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

HEMMING, John. *Árvore de rios. A história da Amazônia*. São Paulo: Ed. Senac, 2011.

PANTOJA, Mariana C. *Os Milton. Cem anos de história nos seringais*. Rio Branco: Edufac, 2008.

SAMPAIO, Patrícia M. & ETHAL, Regina de C. (org.) *Rastros da memória: história e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. Manaus: Edua, 2006.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ETNOGRAFIA			CÓDIGO: CAN-48
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
SEMESTRE:			
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Questões teórico-epistemológicas do Trabalho de Campo. Notas de campo História de vida na produção do conhecimento Prática do trabalho de campo			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
CARDOSO, Ruth. <i>A aventura antropológica: Teoria e pesquisa</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.			
MALINOWSKI, Bronislaw. <i>Argonautas do Pacífico Ocidental</i> . São Paulo: Editora Victor Civita, 1976.			
MINDLIN, Betty. <i>Diários da Floresta</i> : São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.			
OLIVEIRA, Roberto Cardoso . <i>O trabalho do antropólogo</i> . São Paulo: Unesp, 2006.			
PEIRANO, <i>A favor da etnografia</i> . Edit. Relume-Dumara, 1995.			
SAHLINS, Marshall: “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I)” in <i>Mana</i> , Abr 1997. vol.3, no.1, p.41-73.			
SAHLINS, Marshall: “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte II)” in <i>Mana</i> , Out 1997. vol.3, no.2. p.103-150.			
Complementares			
CURT, Nimuendaju. <i>Etnografia e indigenismo</i> . Edit, Uncamp, 1993.			
RIBEIRO, Darcy. <i>Diários Índios: Os Urubus-Kaapor</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1996.			
SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. Modernidade e comunidades ribeirinhas: visões de uma viagem ao Baixo Amazonas In <i>Revista do Núcleo Histórico Socioambiental</i> , Vol. 1, nº 02, 2008.			



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE			CÓDIGO: CAN-30
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
O conceito de identidade social. A construção social da diferença e da identidade. Identidade e identificação: abordagem antropológica. Cultura e identidade. Identidade étnica e racial. Diversidade sexual. Gênero e outras formas de classificação. Identidade e globalização.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização In <i>Mana</i> , outubro 2001. vol. 7. n.º. 2, p. 7-33.			
ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias In O'DWYER, Eliane Cantarino. <i>Quilombos: identidade étnica e territorialidade</i> . Rio de Janeiro: Ed. FGV/ABA, 2002.			
BAUMAN, Zygmunt. <i>Identidade</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2005			
BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In <i>O poder simbólico</i> . Lisboa: Difel, 1989.			
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. <i>Identidade, etnia e estrutura social</i> . São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.			
CASTELLS, Manuel. <i>O poder da identidade</i> . São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1942].			
MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. IN <i>Revista de Antropologia</i> . São Paulo: USP, 1991. N.º. 34, pp. 197-221.			
SILVA, Tomaz T. <i>Identidade e diferença</i> . Petrópolis: Editora Vozes, 2004.			
HALL, Stuart. <i>A identidade cultural na pós-modernidade</i> . 8 ed. Rio, DP&A, 2003.			
POUTIGNAT, Philippe & STREFF-FENART, Jocelyne. <i>Teorias da etnicidade</i> . São Paulo:Unesp, 1998.			

Complementar

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. In: *Mana*, out, 1997. vol 3, nº 2.

ATHIAS, Renato. *A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquete Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira*. Recife: Ed. Universitária, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade – ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Questão racial e etnicidade. In MICELI, Sergio (Org.). *O que ler nas Ciências Sociais brasileira*. São Paulo: Ed. Sumaré, ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.

SEGATO, Rita Laura. Raça é signo. In AMARAL JR. Aécio e BURITI, Joanildo (Org). *Inclusão social, identidades e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PARENTESCO

CÓDIGO: CAN-49

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Teorias antropológicas do parentesco. Conceitos centrais dos estudos de parentesco. Teoria da descendência e teoria da aliança. Parentesco e às novas tecnologias de reprodução da vida.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

AUGÉ, M. (Org), *Os Domínios do Parentesco*. Lisboa. Ed. 70. 1978.

BUTLER, Judith: "O parentesco é sempre tido como heterossexual?" In *Cad. Pagu*, nº.21, 2003.

KROEBER, A., "Sistemas Classificatórios de Parentesco", in LARAIA, R., *Organização Socia.*, Rio, Zahar, 1973.

LÉVI-STRAUSS. *As Estruturas elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

FOX, Robin. *Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica*. Lisboa: veja, 1986.

KUPER, Adam. *Cultura a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. cap. 5, "David Schneider".

RADCLIFFE-BROWN, A. Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento, In: RADCLIFFE-BROWN, A. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1978.

RIVERS, W.H.R. "O método genealógico na pesquisa antropológica" e "Terminologia classificatória e matrimônio com primo cruzado" In: OLIVEIRA, R.C. de (Org). *A Antropologia de Rivers*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Antropologia do Parentesco: estudos ameríndios*. Ed. UFRJ, 1995.

WOORTMAN, Klaas. Reconsiderando o Parentesco. In: *Anuário Antropológico/76* Brasília: UNB, 1987.

Complementar

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. "Parentesco e transformação social em sociedades modernas. Algumas considerações sobre o modelo francês contemporâneo". In: *Anuário Antropológico/80*.

HÉRITIER, Françoise. A Coxa de Júpiter - reflexões sobre os novos modos de procriação. In: *Estudos Feministas*. Ano 8, 2000.

FONSECA, C. L. W. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. In: *Ilha R. Antropologia*. Florianópolis, v.5, n.2, dezembro de 2003. p. 05-3.

LÉVI-STRAUSS. “O Futuro dos Estudos de Parentesco”. In LARAIA, Roque de Barros. *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

LUNA Naara: “Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas”. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: TEORIA ANTROPOLOGICA III			CÓDIGO: CAN-50
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	CAN-47
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz. A crise da representação. Antropologia pós-moderna e contemporânea: questões teóricas e metodológicas. Estudos Culturais. Debate pós-colonial. “Novas abordagens”.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
APPIAH, Kwame Anthony. “A Invenção da África”. In K. A. Appiah - <i>Na casa do meu pai, a África na filosofia da cultura</i> . Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1997.			
BOURDIEU, P. Um esboço da Teoria da Prática. In ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. <i>Coleção Grandes Cientistas Sociais</i> . São Paulo: Ática, 1983.			
CALDEIRA, Teresa- A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia. In <i>Novos Estudos Cebrap</i> . n. 21, 1988.			
CANCLINI, Néstor García. <i>Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade</i> . Col. Ensaio Latino-americanos. São Paulo: Edusp, 1998.			
CLIFFORD, James. <i>A experiência etnográfica – antropologia e literatura no século XX</i> . Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 1998.			
LATOURETTE, Bruno. <i>Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica</i> . Rio, Editora 34, 1994.			
RABINOW, Paul. Representação são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade em Antropologia. In: <i>Antropologia da Razão</i> . Rio de Janeiro: Relume Dumará, s/d.			
SAID, Edward. <i>Orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente</i> . Cia. das Letras, São Paulo, 1990.			
SAHLINS, Marshall - “O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: porque a cultura não é um objeto em extinção”. <i>Mana, Estudos de Antropologia Social</i> , vol.3 n.1 e n.2, 1997.			
TAUSSIG, Michael. <i>Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem – um estudo sobre o terror e</i>			

a cura. São Paulo: Paz e terra, 1993.

Complementar

APPADURAI, Arjun. “Soberania sem territorialidade - notas para uma geografia pós-nacional”. Trad.: Heloisa Buarque de Almeida. In *Novos Estudos CEBRAP*. Nº 49. Novembro 1997. pp.33-46.

FEATHERSTONE, Mike (org.) *Cultura global – nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

IDDENS, Anthony. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In GIDDENS, A. e TURNER (org). *Teoria Social hoje*. São Paulo: UNESP, 1996.

GODELIER, Maurice. O Ocidente, espelho partido. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 21, 8:2-21, 1992.

GUPTA, Akhil e FERGUSON, J. “Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença”, in ARANTES, A. Augusto (org.) *O Espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ESTUDOS DE GÊNERO			CÓDIGO: CAN-51
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Conceituando gênero. Teorias e movimento feminista. A crítica ao feminismo. Família e parentesco. Sexualidade, corpo e gênero. Homens e masculinidades.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. <i>Estudos Feministas online</i> . Florianópolis, 16 (2): 440, 2008. p.333-357.			
STRATHERN, Marylin. <i>O gênero da dádiva</i> . Campinas: Editora da Unicamp, 2006.			
SIMONIAN, Ligia T. L. <i>Mulheres da floresta amazônica. Entre o trabalho e a cultura</i> . Belém: NAEA/UFPA, 2001. <i>Capítulo 1: Mulheres, gênero e desenvolvimento na Amazônia; Capítulo 3: Mulheres indígenas roraimenses: organização política, impasses e perspectivas</i> .			
McCALLUM, Cecília. Aquisição do gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawa. <i>Estudos Feministas</i> . Florianópolis, vol.7, n.1, 1999. 157-175.			
LASMAR, Cristiane. <i>De volta ao lago de leite. Gênero e transformação no alto rio Negro</i> . São Paulo: Editora da Unesp/ISA; Rio de Janeiro: Nuti, 2005.			
GROSSE, Miriam P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. <i>Cadernos Pagu online</i> . Campinas, n.21, 2003. 261-280.			
FONSECA, Claudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. <i>Cadernos Pagu online</i> . Campinas, n. 26, janeiro-junho de 2006. 11-43.			
LUNA, Naara. Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. <i>Estudos Feministas online</i> . Florianópolis, n. 2, 2001. 389-413.			
MALUF, Sonia, Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem: <i>Estudos Feministas online</i> . Florianópolis, v.1, 2002. 143-153.			
WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e			

Homofobia. *Estudos Feministas online*. Florianópolis. n.2, 2001. p. 460-482.

Complementar

CARRARA, Sérgio & Simões, Júlio A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu online*. Campinas, n.28, janeiro-junho de 2007. 65-99.

LEA, Vanessa R. Desnaturalizando gênero nas sociedades Mebengôkre. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.7, n.1, 1999. 176-194.

LUNA, Naara. Maternidade desnaturada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos. *Cadernos Pagu online*, n.19, 2002. pp.233-278.

JARDIM, Marta. De sogra para nora para sogra: redes de comércio e de família em Moçambique. *Cadernos Pagu online*. Campiinas, n.29, julho-dezembro de 2007. 139-170.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu online*. Campinas, n. 28, janeiro-junho de 2007. 19-54.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES COMPLEXAS			CÓDIGO: CAN-11
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
O Conceito de Sociedade Complexa. Os indivíduos nas sociedades complexas. A pesquisa das/nas sociedades complexas. Identidades e fragmentação nas sociedades complexas. Fluidez e redes de relações. Situações sociais densas. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Antropologia e Globalização. A proposta de uma macroantropologia.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferença na economia global”. In: Mike FEATHERSTONE. (org). <i>Cultura Global</i> . Petrópolis: Vozes, 1999.			
DURHAM, Eunice R. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: Ruth Cardoso (org.). <i>A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.			
FELDMAN-BIANCO, Bela. “Introdução”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). <i>Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos</i> . São Paulo: Global, 1987.			
GOLDMAN, Márcio. “Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões”. In: <i>Anuário Antropológico</i> . Brasília: UNB. 1995.			
GLUCKMAN, Max. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). <i>Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos</i> . São Paulo: Global, 1987.			
HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional. <i>Mana</i> , Vol. 3 (1). Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.			
MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. IN: MAGNANI, & TORRES, Lílian de Lucca (orgs). <i>Na Metrópole – textos de Antropologia Urbana</i> . São Paulo: Edusp, 1996.			
MONTERO, Paula. “Reflexões sobre uma antropologia das sociedades complexas”. <i>Revista de Antropologia</i> 34. São Paulo: USP, 1991.			

PEIRANO, Mariza. “Etnocentrismo às avessas: o conceito de sociedades complexas.” In: PEIRANO, Mariza. *Uma antropologia no plural*. Três experiências contemporâneas. Brasília: Editora UNB, 1991.

VELHO, Gilberto. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

Complementar

LIMA, Tânia Stolze e GOLDMAN, Marcio. 1998. “Como se Faz um Grande Divisor? Etnologia das Sociedades Indígenas e Antropologia das Sociedades Complexas”. In: GOLDMAN, Marcio. (Org.). *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 1991.

SAHLINS, Marshall. “Cosmologias do Capitalismo. O sistema transpacífico do ‘sistema mundial’”. IN: *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

VELHO, Gilberto. “Unidade e fragmentação em sociedades complexas.” In: *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WOLF, Eric. “Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México”. In: Bela Feldman-Bianco & Gustavo Lins Ribeiro (org. e seleção). *Antropologia e Poder. Contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Campinas: Editora UNICAMP, (2003). [1956].



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ETNOLOGIA INDÍGENA			CÓDIGO: CAN-22
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Sociedades indígenas na América do Sul. Diversidade cultural e lingüística. As principais áreas etnográficas. Principais abordagens teóricas. Etnografias recentes.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
<p>ALBERT, B. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). In: ALBERT, B. & RAMOS, A. R. <i>Pacificando o Branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazonico</i> São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.</p> <p>ALBERT, B. A fumaça do metal: história e representação do contato entre os Yanomami. <i>Anuário Antropológico/89</i>. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. pp.151-187.</p> <p>ANDRELLO, G. <i>Cidade do índio. Transformações e cotidiano em Iauretê</i>. São Paulo: Editora da Unesp/ISA; Rio de Janeiro: Nuti, 2006.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, M. <i>Os mortos e os outros. Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó</i>. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.</p> <p>FAUSTO, C. <i>Inimigos fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia</i>. São Paulo: Edusp, 2001.</p> <p>GORDAN, C. <i>Economia Selvagem. Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngrôkre</i>. São Paulo: Editora da Unesp/ISA; Rio de Janeiro: Nuti, 2006.</p> <p>OVERING, J. Estruturas elementares de reciprocidade, uma nota comparativa sobre o pensamento sócio-político nas Guianas, Brasil Central e Noroeste Amazônico. <i>Cadernos de Campo</i>. São Paulo: Departamento de Antropologia da USP, n.10, 2002.</p> <p>SEEGER, A., DA MATTA, R., VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA, J.P. de (org.) <i>Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil</i>. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. In: MICELLI, S. (org.) <i>O que ler na ciência social brasileira. Antropologia</i>. São Paulo: Sumaré: Anpocs; Brasília: Capes, 1999.</p>			

_____ Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional, Vol.2/2, 1997. p.114-144.

Complementar

CLASTRES, P. Do etnocídio. In: *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 81-92.

DESCOLA, P. *Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia*. *Mana*. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional, vol.4/1, 1998. p.23-46.

OVERING, J. A estética da produção e o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piaroa. *Revista de Antropologia*. São Paulo: Departamento de Antropologia /USP, vol. 34, 1991.

SAEZ, Oscar, C. *O nome e o tempo Yaminawa. Etnografia e história dos Yaminawa do rio Acre*. São Paulo: Unesp/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

STUTMAN, Renato. Sobre a ação xamânica. In: GALLOIS, D.T. (org.) *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA LINGÜÍSTICA			CÓDIGO: CAN-07
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORÁRIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	CAN-04
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Linguagem, identidade e interação social. Linguagem, fala e poder. Etnografia da fala. Estudos sobre o falar entre os Ameríndios. Narrativas, memórias, experiências e subjetividades. Política e performance. Encontros linguísticos em Roraima.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ. <i>Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso</i> . Porto Alegre: Age, 1998. p. 57-69.			
BAUMAN, Richard e BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e vida social. <i>Ilha – Revista de Antropologia</i> , vol 8, n. 1 e 2, 2008. p. 185-229.			
CLASTRES, Pierre. O dever da palavra. In <i>A sociedade contra o Estado: investigações de antropologia política</i> . Porto: Afrontamento, 1979 [1974]. p. 149-154.			
COMENFORD, John Cunha. <i>Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção das organizações camponesas</i> . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.			
DAWSEY, John C. O teatro dos “bóias-frias”: repensando a antropologia da performance. <i>Horizontes Antropológicos</i> . Porto Alegre, vol 11, n. 24, 2005. p. 15-34.			
FARAGE, Nádia. Instruções para o presente. O branco em práticas retóricas Wapishana. In ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (eds.). <i>Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico</i> . São Paulo: Editora da Unesp, 2000. p. 507-527.			
GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ. <i>Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso</i> . Porto Alegre: Age, 1998. p. 70-98.			
HARTMAN, Luciana. As narrativas pessoais e a constituição dos contadores de caso como sujeitos. In FISCHMAN, Fernando e HARTMAN, Luciana. (org.) <i>Donos da palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul</i> . Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2007. p.95-129.			

LANGDON, Esther Jean. Dialogicalidade, conflito e memória na etno-história Siona. In FISCHMAN, Fernando e HARTMAN, Luciana. (org.) *Donos da palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*. Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2007. p.17-39,

SAPIR, Edward. Linguagem. In: PIERSON, D. (org.). *Estudos de organização social. Tomo II*. São Paulo: Livraria Martins, 1949. p. 77-108.

Complementar

BRUNER, Jerome, WEISSER, Susan. A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1997. p. 141-162.

LANGDON, Esther Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, 1999. p. 13-36.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. *Ilha – Revista de Antropologia*, vol 8, n. 1 e 2, 2008. p. 163-184.

PELLEGRINI, Marcos . *Discursos dialógicos*. Tese de doutorado (Antropologia Social), PPGAS/UFSC, 2008.

SHERZER, Joel. *Formas del habla Kuna*. Equador: Abya-Yala, 1992. p. 3-28.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA POLÍTICA			CÓDIGO: CAN-12
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORÁRIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
O campo do político na antropologia. Sociedades sem Estado. Sistemas políticos e tipos políticos. Mudança global e ação local. Ritual na política. Antropologia política no Brasil.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
CAMAROFF, Jonh e CAMAROFF, Jean. “Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial”. <i>Horizontes Antropológicos</i> , v.7, n.15, p.57-106.			
CLASTRES, Pierre. <i>A sociedade contra o Estado</i> . São Paulo: Francisco Alves, 1978.			
COPANS, Jean. A antropologia política. In: COPANS, J. & outros (orgs.) <i>Antropologia, ciência das sociedades primitivas?</i> Lisboa: Edições 70, 1971.			
ELIAS, Norbert. <i>A sociedade de corte</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.132-159.			
EVANS-PRITCHARD. E. E. <i>Os Nuer</i> . São Paulo: Perspectiva, 1978 [1940].			
GEERTZ, Clifford. <i>Negara, o Estado teatro no século XIX</i> . Rio de Janeiro: Difel, 1991.			
LEACH, E. <i>Os sistemas políticos da alta Birmânia</i> . São Paulo: EDUSP, 1996 [1954]. Introdução e cap. 5.			
KERTZER, David. “Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista italiano”. <i>Horizontes Antropológicos</i> , v.7, n.15, p.15-36.			
SAHLINS, Marshal. “Homem pobre, grande-homem, chefe: tipos políticos na Melanésia e Polinésia”. In: <i>Cultura na prática</i> . Rio e Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. p.79-103.			
PALMEIRA, Moacir e GOLDMAN, Marcio (org.) <i>Antropologia, voto e representação política</i> . Rio de Janeiro, Contra Capa, 1996. p.1-12.			
Complementar			

BALANDIER, G. *Antropologia Política*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

GOLDMAN, Marcio (org.) *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

CHEVALIER, Sophie. “Uma sociedade em mudança. Antropologia de uma transição na Bulgária.” *Horizontes Antropológicos*, v.7, n.15, p.37-55.

PEIRANO, Marisa. Antropologia política, ciência política e antropologia da política”. In: _____ *Três ensaios breves*. Brasília, UNB, Série Antropologia. no.231, p.17-29.

PALMEIRA, M. & BARREIRA, C. (org.) *Política no Brasil: visões de antropologia*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO			CÓDIGO: CAN-25
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
A religiosidade como substrato da cultura. Conhecimento dos conceitos inerentes à disciplina da Antropologia Religião, do ritual, e aos aspectos performativos de ambas. A religiosidade popular brasileira. Pluralidade religiosa e matrizes simbólicas. Classificação simbólica; mitos e mitologias. Teorias clássicas da magia e da religião.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
CAMARGO, Cândido Procópio. <i>Católicos, protestantes e espíritas</i> . Petrópolis: Vozes, 1973.			
DURKHEIM, Émile. <i>As formas elementares da vida religiosa</i> . São Paulo: Edições Paulinas, 1989.			
ELIADE, Mircea. <i>El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis</i> . México: Fondo de Cultura Económica, 1994.			
FERNANDES, Rubens Cesar e outros. <i>Religião e identidade nacional</i> . Rio: Graal, 1988.			
_____,(org). <i>Os cavaleiros do bom Jesus – uma introdução as religiões populares</i> . São Paulo: Brasiliense, 1992.			
GIUMBELLI, Emerson (org). <i>Religião e sociedade</i> . Rio: ISER, V 26, n 1, 2006.			
MAUÉS, Raymundo Heraldo. <i>A Ilha Encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade pesqueira</i> . Belém: NAEA, 1990.			
GIUMBELLI, Emerson (org). <i>Religião e sociedade</i> . Rio: ISER, V 26, n 1, 2006.			
WRIGHT, Robin (Org.). <i>Transformando os deuses: Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil</i> . Vol. I. São Paulo: Edit. Unicamp, 1999.			
_____(Org.) <i>Transformando os deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil</i> , vol.II São Paulo: Edit. Unicamp, 2004.			
BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: <i>A Economia das trocas simbólicas</i> . São Paulo: Perspectiva, 2007.			

Complementares

AZEVEDO, Thales. *A religião civil brasileira: um instrumento político*. Petrópolis, vozes, 1981.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Migração e universo religioso. *Revista Travessia – Religião e religiosidades*. Publicação CEM – ano IV, n 10 , mai/ago 1991.

HONAERT, Eduardo. *Verdadeira e falsa religião no nordeste*. Salvador: Beneditina, 1978.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA JURÍDICA

CÓDIGO: CAN-18

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Tratados e convenções internacionais que discutem a questão do respeito da diversidade cultural. Aspectos jurídico-antropológicos do conceito de cultura, em especial o debate universalidade versus particularidade. O direito monista versus um direito plural. Os Direitos Indígenas no ordenamento jurídico brasileiro. A demarcação TI indígenas e quilombolas e seu caráter declaratório. A proteção dos direitos indígenas. Direito consuetudinário e positivado.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

ALVES, Elizete Lanzoni & SANTOS, Sidney F. Reis. *Iniciação ao conhecimento da antropologia jurídica*. Edit. Conceito Editorial.

BARBOSA, Marcos. *Direito antropológico e terras indígenas no Brasil*. São Paulo: Edit. Plêiade/Fapesp, 2001.

BARBOSA, Marco . *Autodeterminação e direito à diferença*. São Paulo: Plêiade/Fapesp, 2005.

BARRETO, Helder GIRÃO. *Direitos indígenas: Vetores constitucionais*. Curitiba: Juruá, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Os direitos dos índios*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COLAÇO, Thais Luzia. *Elementos de antropologia jurídica*. Edit. Conceito editorial, 2008.

DAVIS, Shelton. *Antropologia do Direito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FUNAI. *Legislação indigenista Brasileira e normas correlatas*. Brasília, 2005.

ROCHA, José Manuel de Sacadura. *Antropologia jurídica*. Edt. Campus, 2008.

SHIRLEY, Robert Weaver. *Antropologia jurídica*. Edit. Saraiva, 1987.

Complementares

CIRINO, Carlos et ERWIN, Frank. Des-territorialização e re-territorialização dos indígenas de Roraima: Uma revisão crítica. In: *Homem, ambiente e ecologia no estado de Roraima*, Vol. II, INPA, prelo.

VILLARES, Luiz Fernando. *Direito e Povos Indígenas*. Paraná: Juruá, 2009.

WOLKMER, Antonio Carlos. *Direito e justiça na América indígena*. Liv. do advogado, 1998.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

CÓDIGO: CAN-29

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Patrimônio, Memória e Poder Político; Tensão entre preservação e transformação de lugares e espaços públicos da experiência urbana dos cidadãos; Patrimônio Cultural e Natural; Políticas de revitalização urbana e sua relação com a diversidade e a complexidade da cultura brasileira. Memórias, tradições e identidades como fundamento da identidade coletiva.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANDRADE, Mário. *Macunaíma : o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Martins, 1978.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas (SP): Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. identidades sociais: local x global. In: http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n2

[CHAGAS, Mário. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.](#)

[GRANSCI, Antonio. *os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.](#)

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ed. 34. São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. (Cap. 1 – Retiro: referências de espaço e tempo / Cap. 2 – Processos organizativos e memória dos conflitos).

Complementar

ELIAS, Norberto. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, 1967.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIRAUDY, Daniele; BOUILHET, Henri. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: FNPM, 1990.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas (SP): Papyrus, 1989. (Cap. 8 - O tempo reencontrado).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE PROJETO DE TCC			CÓDIGO: CAN-28
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Trabalho de natureza científica sob orientação de um docente do curso de antropologia, ou cursos afins em uma das áreas especializadas da antropologia, elaborado individualmente.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
De acordo com a temática escolhida.			
Complementar			
De acordo com a temática escolhida.			



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA VISUAL			CÓDIGO: CAN-14
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Constituição da Antropologia Visual como campo de pesquisa. O campo da Antropologia visual no Brasil. Antropologia e fotografia. Antropologia e cinema.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
MOREIRA LEITE, Miriam L. Texto Visual e Texto Verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org). <i>Desafio da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais</i> . Campinas: Papirus, 1998.			
EDWARDS, Elizabeth. Antropologia e Fotografia. Cadernos de Antropologia e Imagem n.2: <i>antropologia e fotografia</i> . Rio de Janeiro: 1995.			
PEIXOTO, Clarice. A antropologia visual no Brasil. Cadernos de Antropologia e Imagem n.1 <i>Antropologia e cinema: primeiros contatos</i> . Rio de Janeiro, 1995.			
MENEZES, Cláudia. Registro visual e método antropológico. Cadernos de Textos. <i>Antropologia Visual</i> . Museu do Índio, sd.			
COSTA, Selda Vale da. O saber e o sabor se cruzam no casamento entre cinema e antropologia. Cadernos de Textos. <i>Antropologia Visual</i> . Museu do Índio, sd.			
PRELORÁN, Jorge. Conceitos étnicos e estéticos no cinema etnográfico. Cadernos de Textos. <i>Antropologia Visual</i> . Museu do Índio, sd.			
BECKER, Howard S. Explorando a sociedade fotograficamente. Cadernos de Antropologia e Imagem n.2: <i>antropologia e fotografia</i> . Rio de Janeiro, 1995.			
PIALT, Marc-Henri. “A antropologia e sua passagem à imagem”. Cadernos de Antropologia e Imagem n.1 <i>Antropologia e cinema: primeiros contatos</i> . Rio de Janeiro, 1995.			
HEIDER, Karl G. Uma história do filme etnográfico. Cadernos de Antropologia e Imagem n.1 <i>Antropologia e cinema: primeiros contatos</i> . Rio de Janeiro, 1995.			
LOIZOS, Peter. A inovação no filme etnográfico (1955-1985). Cadernos de Antropologia e Imagem n.1 <i>Antropologia e cinema: primeiros contatos</i> . Rio de Janeiro, 1995.			

Complementares

GALLOIS, Dominique & CARELLI, Vincent. Vídeo e Diálogo cultural: experiência do projeto vídeo nas aldeias. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 1, n. 2, jul./set. 1995. p. 61-72.

FONSECA, Cláudia. A noética do vídeo etnográfico. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, jul./set. 1995. p. 187-206.

JEZÉQUEL, Hervé. A fotografia nas festas populares. Cadernos de Antropologia e Imagem n.2: *antropologia e fotografia*. Rio de Janeiro, 1995.

BAPTISTA, Fernando M. & Valle, Raul Telles do. *Os povos indígenas frente ao direito autoral e de imagem*. São Paulo: ISA, 2004.

PIALT, Marc-Henri. Uma antropologia-diálogo: a propósito do filme de Jean Rouch *Moi, un Noir*.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA DOS ESTUDOS RURAIS

CÓDIGO: CAN-52

CATEGORIA: Obrigatória (X) Eletiva () Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Recomposições do rural enquanto objeto de estudo. Conceituações do rural. Os processos sociais em curso nos contextos rurais. Diversidade sócio-política no universo rural.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

ALMEIDA, M.W.B. “Imagens e narrativas agrárias e a morte anunciada do campesinato”. *Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais*, IFCH, Unicamp. vol.1 nº 2. Setembro de 2007.

CARNEIRO, M. J. “Rural como categoria de pensamento”. *Ruris. Revista do Centro de Estudos Rurais*. IFCH, Unicamp. Vol 1 nº 1. Março de 2007.

FAVARETO, A. S. A longa evolução da relação rural-urbano. *Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais da Unicamp*. v.1, 2007. p.157 – 192.

DURHAM, Eunice R. “As comunidades rurais tradicionais e a migração” e “Migrantes Rurais”. In: *A Dinâmica da Cultura* (org. Omar Ribeiro Thomaz). São Paulo: CosacNaify, 2004.

MENEZES, Marilda A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

ALMEIDA, Mauro W. B. “Populações Tradicionais e Conservação Ambiental”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. Cosac Naify, 2009.

NEVES, Delma. “Os ribeirinhos e a reprodução social sob construção” In *Boletim Rede Amazônica*. ano 2, n. 1, 2003.

ALMEIDA, Mauro W. B. “Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol 19, n. 55 junho/2004.

SCOTT, James. Formas cotidianas de resistência camponesa”. In *Revista Raízes*. Vol 21, no.1, Campina Grande, 2002.

SIGAUD, Lygia “A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana”, in *Novos Estudos Cebrap*, no. 58, 2000.

Complementares

MOREIRA, Edna S. & Hébette, Jean. “Metamorfoses de um campesinato nos Baixo Amazonas e Baixo Xingu paraenses” in GODOI, M., MENEZES, M., MARIN, R.(orgs). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias*. Vol I: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

WOORTMANN, K. “Com parente não se neguceia. O campesinato como ordem moral”, *Anuário Antropológico/87*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1988.

CARNEIRO, M. J. “Ruralidades: novas identidades em construção”. *Estudos sociedade e agricultura*. UFRRJ, no. 11, out. 1998.

COMERFORD, John. *Como uma Família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2003.

MACEDO, Marcelo E. “Entre a “violência” e a “espontaneidade”: reflexões sobre os processos de mobilização para a ocupações de terra no Rio de Janeiro”. In *Mana* 11 (2), 2005.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA DA SAÚDE			CÓDIGO: CAN-17
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Relações entre saúde, cultura e sociedade: abordagens e métodos. Cosmologia, pessoa e saúde. Pluralidade de sistemas médicos e atividades de auto-atenção. Diversidade sociocultural e políticas de saúde. Sistemas de atenção à saúde: a contribuição da antropologia. Atenção à saúde indígena.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
HELMAN, Cecil G. Relação médico-paciente In <i>Cultura, saúde e doença</i> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. pp. 100-136.			
OLIVEIRA, Francisco J.A. Concepções de doença: o que os serviços de saúde têm a ver com isso. In DUARTE, L.F.D. e LEAL, O.F. (orgs.) <i>Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas</i> . Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 1998. pp. 81-94.			
RABELO, Miriam Cristina e ALVES, Paulo César. (orgs.) <i>Experiência de doença e narrativa</i> . Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.			
LANGDON, Esther Jean. Introdução: Xamanismo – velhas e novas perspectivas. In LANGDON E.J.M. (org.) <i>Xamanismo no Brasil: novas perspectivas</i> . Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. pp. 9-39.			
MONTERO, Paula. <i>Da doença à desordem: a magia na umbanda</i> . São Paulo: Graal, 1985. pp. 117-173.			
LANGDON, E. Jean. Uma avaliação crítica da atenção diferenciada e a colaboração de antropólogos e profissionais de saúde. In LANGDON, Esther Jean e GARNELO, Luíza (orgs.) <i>Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa</i> . Rio de Janeiro: ABA/Contracapa, 2004. p. 33-51.			
LANGDON, E. J. A doença como experiência : a construção da doença e seu desafio para a prática médica. In: BARUZZI, R. G. e JUNQUEIRA, C. (orgs.). <i>Parque Indígena do Xingu: Saúde, Cultura e História</i> . São Paulo: Terra Virgem, 2005. p. 115-133.			
MCCALLUM, C. O corpo que sabe: da epistemologia kaxinawá para uma antropologia médica das terras baixas sul-americanas. In: ALVES, P. C. e RABELO, M. C. (org.) <i>Antropologia da</i>			

saúde: traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Editora FIOCRUZ, 1998. pp. 215-245.

FOLLÉR, M-L. Intermedicalidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde. In LANGDON, E. J. e GARNELO, L. (orgs.) *Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. Rio de Janeiro: ABA/Contracapa, 2004. pp. 129-147.

Complementares

BRASIL. *Fundação Nacional de Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. Brasília: MS, 2002. 40 p.

GARNELO, Luiza. *Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

MENÉNDEZ, E.L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 1, 2003. p. 185-207.

PELLEGRINI, Marcos. *Falar e Comer. Um estudo sobre os novos contextos de adoecer e buscar tratamento entre os Yanomamè do Alto Parima. Dissertação de mestrado*. Florianópolis: UFSC, 1998.

PELLEGRINI, Marcos A. As equipes de saúde diante das comunidades indígenas: reflexões sobre o papel do antropólogo nos serviços de atenção à saúde indígena In: *Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. Rio de Janeiro: ABA/Contra Capa, 2004. p. 233-243.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: RELAÇÕES INTERÉTNICAS E RACIAIS			CÓDIGO: CAN-34
CATEGORIA:	Obrigatória (X)	Eletiva ()	Optativa Livre ()
MODALIDADE:	Presencial (X)	Semi-Presencial ()	A distância ()
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Identidade nacional e racialismo. Da raça à cultura. A Sociologia e a moderna e identidade nacional. Os estudos de relações raciais. Os estudos de desigualdades raciais. Política racial no Brasil.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
NINA RODRIGUES, Raimundo. <i>Os Africanos no Brasil</i> . São Paulo: Madras, 2008. p. 19-26 e 236-247			
SCHWARCZ, Lilia Moritz. <i>O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.11-66 e 239-250			
FREYRE, Gilberto. “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro” In <i>Casa grande & senzala</i> . São Paulo: Global Editora, 2006. p. 366-497			
DA MATTA, Roberto. “Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira” in <i>Relativizando: uma introdução à antropologia Social</i> . Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1981.			
SANSONE, Livio. <i>Negritude sem etnicidade</i> . Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 9-35; 89-138; 245-295.			
SCHWARCZ, Lilia. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, Sergio (Org.). <i>O que ler nas Ciências Sociais brasileira</i> . São Paulo: Ed. Sumaré, ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.			
GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Raça e os estudos de relações raciais no Brasil”. <i>Novos Estudos Cebrap</i> . n. 54, 1999.			
MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. “Política de cotas raciais, os “olhos da sociedade” e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB)”. <i>Horizontes Antropológicos</i> . ano 11, n. 23. Porto Alegre, 2005			
SEGATO, Rita Laura. Raça é signo. In: AMARAL JR. Aécio e BURITI, Joanildo (Org). <i>Inclusão social, identidades e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social</i> . São Paulo: Annablume, 2006.			
MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um			

ponto de vista em defesa de contas. In: SILVA, Petronilia Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p 115-128

Complementares

CARDOSO, Fernando Henrique. “Apresentação” In FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006. p.17-28

MAIO, Marcos Chor. “O Projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 14 no 41 outubro/99 (**pdf**).

GUIMARÃES, Antonio S. A. “*Democracia Racial*”.

FERNANDES, Florestan. “A sociedade escravista no Brasil” in IANNI, Otavio (org). FLORESTAN, Fernandes. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, vol. 33, 1989.

PINHO, Osmundo. *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: EDUFBA, 2008.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO			CÓDIGO: CAN-33
CATEGORIA:	<input checked="" type="checkbox"/> Obrigatória (X)	<input type="checkbox"/> Eletiva ()	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X)		<input type="checkbox"/> Semi-Presencial ()
CARGA HORARIA		PRÉ-REQUISITO	
Total	Teórica	Prática	
120 HORAS	120 HORAS		
EMENTA			
De acordo com a especificidade das várias áreas de atuação do antropólogo e com a Resolução nº 012/2012-CEPE.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
Complementares			



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS:ANTROPOLOGIA DAS MIGRAÇÕES

CÓDIGO: CAN-57

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

A disciplina tem como objetivo analisar os processos migratórios, evidenciando as relações que se estabelecem na população e os processos de mudança social. Debater algumas categorias que envolvem o fenômeno tais como: cidadania, políticas públicas e o poder. Examinar e discutir, mediante perspectivas comparativas, deslocamentos de diferentes protagonistas. Debater as construções teóricas e metodológicas utilizadas para compreender as diversas dinâmicas envolvidas nos processos migratórios. Analisar o confronto entre o “nós” e o “outro” produzidos pelas migrações.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

JARDIM, Denise Fagundes (org.). **Cartografias da imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

ARENDA, Silvia Maria. RIAL, Carmen Silvia et PEDRO, Joana Maria. **Diáspora, Mobilidade e Migrações**. Florianópolis: Edit. Mulheres, 2011

CASTIGLIONI, Aurélia. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. E (org.). **Migrações internacional na Pan-Amazônica**. Belém:NAEA/UFPA, 2009.

FERRI, Patrícia. **Achados ou Perdidos?: A imigração indígena em Boa Vista**. Boa Vista: MLAL, 1990.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de et SOUZA, Eliandro Pedro de. Organização dos indígenas na cidade – ODIC. In: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de (Org.). **Projeto Kuwai Kîrî: a experiência amazônica dos índios urbanos de Boa Vista – Roraima**, Editora da UFRR, 2010.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura é um “objeto em via de extinção” (parte II), **Mana**, Vol.3, n.2, 1997, pp.103



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: SUBJETIVIDADES E CORPORALIDADES

CÓDIGO: CAN-20

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Abordagem antropológica da pessoa e da corporalidade. Estudos de etnologia ameríndia e a centralidade do idioma corporal. O individualismo moderno e concepções corpo. Gênero, corporalidade e subjetividade. Tecnologia e novas visões sobre o corpo e a Pessoa.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BIRMAN, Joel. *Mal estar na atualidade – a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1984. (Terceira parte, Cap I Os corpos doces, p. 117- 142)

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papius, 2007.

GUIMARAES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. *Horizontes Antropológicos*. vol.10, no.21, 2004. p.123-154.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. (Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”; As técnicas do corpo; O efeito físico sobre o indivíduo da ideia de morte sugerida pelo grupo).

MCCALLUM, C. O corpo que sabe: da epistemologia kaxinawá para uma antropologia médica das terras baixas sul-americanas. In: ALVES, P. C. e RABELO, M. C. (org.) *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fiocruz, 1998. p. 215-245.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras*. *Boletim do Museu Nacional*. 32. 1979. pp 2-19.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. *Mana* 2(2):115-144, 1996.

Complementares

GOLDMAN, Marcio. *Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de Pessoa. Revista de Antropologia*. v.39, n°1. São Paulo: USP, 1996. pp.83- 109.

RABELO, Miriam & ALVES, Paulo Cesar. Corpo, Experiência e Cultura. In : LEIBNING, Anette (org.) *Tecnologias do corpo : uma antropologia das medicinas no Brasil*. Nau Editora, 2004. 175-200.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. *Ciênc. saúde coletiva*. vol.8, no.1. 2003. 173-183.

GOLDMAN, Márcio. A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé. In *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, agosto/1985. 12/1, 22-54.

GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas : o corpo como valor. In : GOLDENBERG, Mirian (org.) *O nú e o vestido : dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA			
CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA			
DISCIPLINA: ETNOLOGIA DAS GUIANAS			CÓDIGO: CAN-56
CATEGORIA:	<input type="checkbox"/> Obrigatória ()	<input checked="" type="checkbox"/> Eletiva (X)	<input type="checkbox"/> Optativa Livre ()
MODALIDADE:	<input checked="" type="checkbox"/> Presencial (X) <input type="checkbox"/> Semi-Presencial () <input type="checkbox"/> A distância ()		
CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		
EMENTA			
Panorama histórico. A região e seus povos. Organização social. Comunidade e cotidiano. Cosmologia e xamanismo.			
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA			
Básica			
<p>ANDRELLO, Geraldo <i>Os Taurepang: memória e profetismo no século XX</i>. Campinas: Dissertação (Mestrado), Departamento de Antropologia/IFCH/Unicamp, 1993.</p> <p>ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza. In: ALBERT, B. & RAMOS, A.R. (org.) <i>Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico</i>. São Paulo: Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.</p> <p>DREYFUS, Simone. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior das Guianas Ocidentais. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. & VIVEIROS DE CASTRO, E. (org.) <i>Amazônia: etnologia e história indígena</i>. São Paulo: Núcleo de História Indígena e Indigenismo da USP: FAPESP, 1993.</p> <p>FARAGE, Nádya <i>As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização</i>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.</p> <p>FARAGE, N. <i>As flores da fala. As práticas retóricas Wapishana</i>. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, USP, 1997.</p> <p>GALLOIS, Dominique. T. (org.) <i>Redes de relações nas Guianas</i>. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.</p> <p>KOCK-GRÜNBERG, T. <i>Do Roraima ao Orinoco</i>. São Paulo: Editora da Unesp, 2005. v. 1.</p> <p>OVERING, Joanna. Estruturas elementares de reciprocidade, uma nota comparativa sobre o pensamento sócio-político nas Guianas, Brasil Central e Noroeste Amazônico In: <i>Cadernos de</i></p>			

Campo. São Paulo: Departamento de Antropologia da USP, n. 10, 2002, pp.121-138.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*. 5(1), 1999, pp. 81-107.

RIVIÈRE, Peter. *Indivíduo e sociedade na Guiana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTILL I, Paulo. *As Fronteiras da República: história e política entre os Macuxi do vale do rio Branco*. São Paulo: NHII-USP/Fapesp, 1994.

Complementares

ABREU, Stela A. Os Ingarikó no Aleleuia. In: BARBOSA, R. I. & MELO, V. F. (org.) *Roraima: homem, ambiente e ecologia*. Boa Vista: FEMACT, 2010.

FARAGE, N. & SANTILL I, P. Estado de Sítio: território identidade no vale do rio Branco In: CUNHA, M. C da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992.

GRENAND, P. & GRENAND, F. Os Waiãpi do norte e seus brancos (Guiana Francesa). In: ALBERT, B. & RAMOS, A.R. (org.) *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HOWARD, Catherine. Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia. In: CARNEIRO DA CUNHA. M. & VIVEIROS DE CASTRO, E. (org.) *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e Indigenismo da USP: FAPESP, 1993.

SANTILLI, Paulo. *Pemongon Patá: território Macuxi, rotas de conflito*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS - ETNO HISTÓRIA

CÓDIGO: CAN-55

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Arqueologia, História e Etnologia. A invenção dos Índios. A conquista espiritual. Política indigenista e políticas Indígenas. Cosmologia do contato. Etnogêneses.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

AMOROSO, Marta. Nimuendaju às voltas com a História. *Revista de Antropologia*. 44:2, 2001. p. 173-186.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Introdução a uma história indígena. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1991.

_____. Política indigenista no século XIX. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1991.

CHERNELA, J. & LEED, E. As Perdas da História: identidade e violência num mito Arapaço do alto Rio Negro. In: ALBERT, B. & RAMOS, R. (org.) *Pacificando o Branco: cosmologias do contato no Norte Amazônico*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002. p. 469-486.

GRUNEWALD, R. *Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

HECKENBERGER, M. Estrutura, História e Transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, M. & HECKENBERGER, M. (orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. p. 21-62.

MONTEIRO, J. M. Unidade, Diversidade e a Invenção dos Índios. In: *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. Tese de Livre-Docência, IFCH-Unicamp, 2001.

OLIVEIRA, J. P. de Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendaju e a história Ticuna. In: *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. p. 60-96.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. pp. 181-264.

WRIGHT, Robin. *História indígena e do indigenismo no alto rio Negro*. Campinas: Mercado de Letras: Instituto Socioambiental, 2005.

Complementar

PUNTUNI, P. *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão do nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec, 2002.

POMPA, C. *Religião como Tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colônia*. Bauru: Edusc, 2003. pp. 339-419.

SANTOS, R. V. dos, FLOWERS, N. COIMBRA, C. Demografia, Epidemias e Organização Social: os Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso. In: PAGLIARO, H., AZEVEDO, M. M. SANTOS, R. V. (orgs.) *Demografia dos povos indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz/Abep, 2005.

SILVA, A. L. da. Dois Séculos e Meio de História Xavante. In: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 357-378.

VIVEIROS DE CASTRO, E. & CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). *Introdução. Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP; Fapesp, 1993. p.9-15.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS - LAUDOS ANTROPOLÓGICOS

CÓDIGO: CAN-58

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Laudos periciais enquanto prática antropológica. O cenário histórico do surgimento dessa nova prática. A importância jurídica do laudo antropológico. O papel do antropólogo como perito. A questão ética. O trabalho de campo. A construção do laudo. O laudo como instrumento de prova. Estudos de laudos que envolvem indígenas e quilombolas.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Antropologia extramuros: Novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília: Paralelo, 2008.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). *O legado do testamento: A Comunidade de Casa em perícia*. Florianópolis: NUER/UFSC, 2002.

_____ (org.). *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: NUER/ABA, 2005.

O'DWYER, Eliane Cantarina (org.) *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Edit. FGV, 2002.

SILVA, Orlando Sampaio, LUZ, Lúcia, HELM, Cecília Maria. *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: Edit. UFSC, 1994.

Complementares

ANDRADE, Maristela de Paula. *Terra de índio: Identidade étnica e conflito em terras de uso comum*. São Luis: UFMA, 1999.

LEA, Vanessa R. *Laudo Antropológico: Kopoto*. São Paulo: Unicamp, 1997.

_____ *Laudo antropológico: Parque indígena do Xingu*. São Paulo: Unicamp, 1997.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA E AMBIENTE

CÓDIGO: CAN-59

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Avaliação dos conceitos de meio ambiente, ecologia e temas correlatos, focalizando as referências históricas e culturais dos mesmos; modernidade e percepção do ambiente; antropologia e ecologia: ecologia cultural, ecologia humana e etnoecologia; reconhecimento das formas de lidar com a natureza e de representá-la, a percepção de risco e de outras “questões ambientais” em distintos grupos humanos; cultura material e ambiente: artefato, técnica e estética; Patrimônio cultural; conhecimentos tradicionais sobre o ambiente e o debate sobre a biodiversidade; desenvolvimento de pesquisas científicas relativas a conhecimentos tradicionais sobre o ambiente – controvérsias e aspectos legais.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. In *Revista de Antropologia* v. 43 n. 1. São Paulo: USP, 2000.

AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos*. Campinas: Papyrus, 1998.

BALLÉ, W. Biodiversidade e os índios amazônicos. In VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. & CARNEIRO DA CUNHA, M. *Amazônia: Etnologia e história Indígena*. São Paulo: EDUSP, 1993.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

LITTLE, Paul. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. Horizontes Antropológicos ano 12 no 25. *Antropologia e Meio Ambiente*. Porto Alegre: UFRS, 2006.

McCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MÓRAN, Emílio. Da Ecologia Cultural à Ecologia Humana e Metodologia na Ecologia Humana. In *A Ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

POSEY, Darrell. Os povos tradicionais e a conservação da biodiversidade. In PAVAN, C. (org.) *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia* (volume 1). São paulo: Memorial/UNESP, 1996.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção - Parte I. *Mana* 3/1 (Estudos de Antropologia Social), abril/1997. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ/Ed. Contracapa, 1997.

WALDMAN, Maurício. *Meio Ambiente & Antropologia*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

Complementar

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit., 1990.

GABEIRA, Fernando. *Greenpeace, verde guerrilha da paz*. São Paulo: Clube do Livro, 1988.

LEITE LOPES, José Sérgio. Sobre processos de ‘ambientalização’ dos conflitos e sobre dilemas da participação. Horizontes Antropológicos ano 12 n. 25. *Antropologia e Meio Ambiente*. Porto Alegre: UFRS, 2006.

PONTING. Clive. *Uma história verde do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

POSEY, Darrell. Etnobiologia: teoria e prática. In RIBEIRO, B. (ed.) *suma etnológica Brasileira. Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO **CÓDIGO:** CAN-60

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre () **SEMESTRE**

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

Abordagens antropológicas sobre o processo de ensino e aprendizagem. Estudos sobre socialização. Cultura e cognição. Noções culturais de infância e desenvolvimento infantil. Educação escolar indígena. A construção de identidades pessoais, sociais e culturais e suas implicações na educação. Fundamentos de um diálogo: antropologia e pedagogia.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BENEDICT, Ruth. (1972) A criança aprende In *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 213-247.

COHN, Clarice. (2002) “A criança, o aprendizado e a socialização na Antropologia” In LOPES DA SILVA, SILVA MACEDO e NUNES (orgs): *Crianças Indígenas, ensaios antropológicos*. São Paulo: MARI/FAPESP/Global. p.213-235.

DURKHEIM, Emile. A educação, sua natureza e função” In *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. p.33-56.

GUSMÃO, Neusa. (1997) Antropologia e educação: origens de um diálogo. *Cadernos Cedes*, ano XVIII, nº 43, 1977. p.8-25.

LOPES DA SILVA, Aracy. (2001) Uma Antropologia da Educação” no Brasil? Reflexões a partir da escolarização indígena” In LOPES DA SILVA e FERREIRA: *Antropologia, História e Educação*. São Paulo: MARI/FAPESP/Global. p.29-43.

MACEDO, Ana Vera (1995): “Estratégias Pedagógicas: a temática indígena e o trabalho em sala de aula” In LOPES DA SILVA & GRUPIONI: *A temática indígena na escola*. Brasília:MEC/MARI/UNESCO. p.527-568.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.19-162.

NUNES, Ângela. (1999) *A Sociedade das Crianças A’Uwe-Xavante, por uma Antropologia da Criança*. capítulos 3 e 4. Lisboa: Ministério da Educação. p.113-208.

SANCHIS, Pierre. A crise de paradigmas em antropologia. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 2reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p.23-38.

VALENTE, Ana Lúcia. Diversidade étnico-cultural e educação: perspectivas e desafios. In: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manuel, BARROS, Graciete Maria Nascimento (org.). *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003. p.51-65.

WULF, Christoph. *Antropologia da Educação*. 1ed. São Paulo: Alínea, 2005.

Complementar

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Temas Transversais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF. (documento).

FERNANDES, Florestan. (1966) “Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá” In *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus e Edusp. p.144-201.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesús Fernández; DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Cadernos de Antropologia da Educação*. Petrópolis RJ: Vozes, 2005. ISBN 978-85-11-07030-9.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as idéias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire. *Revista Brasileira de Educação*. v.11, n.33, set/dez, 2006.

WALKERDINE, Valerie. (1995) “O Raciocínio em Tempos Pós-Modernos” In *Educação e Realidade*. vol.20, nº 2. p.207-226. (texto para seminário).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO



CENTRO/INSTITUTO: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CURSO: BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA ECONÔMICA

CÓDIGO: CAN-61

CATEGORIA: Obrigatória () Eletiva (X) Optativa Livre ()

SEMESTRE

MODALIDADE: Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()

CARGA HORARIA

PRÉ-REQUISITO

Total

Teórica

Prática

60 HORAS

60 HORAS

EMENTA

O campo da antropologia econômica. A dimensão socioeconômica em sociedades tribais e sociedades agrícolas. Escassez e abundância, necessidade e subsistência. Parentesco e produção. Produção, distribuição e troca de bens.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BRANDÃO, Carlos. R. *O afeto da terra*. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

GODELIER, Maurice. Objeto e método da antropologia econômica. In: *Racionalidade e irracionalidade na economia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s/d.

_____. Excedente econômico e exploração. In: *Godelier*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. Moeda de sal e circulação das mercadorias entre os Baruya da Nova Guiné. In: *Godelier*. São Paulo: Ática, 1981.

MALINOWSKI, B. Características essenciais do Kula. *Os pensadores: Malinowski*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIE, Alain. Relações de parentesco e relações de produção nas sociedades de linhagem. In: POUILLON, F. *A antropologia econômica – correntes e problemas*. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70, 1978.

MEUNIER, Roger. Formas da circulação. In: POUILLON, F. *A antropologia econômica. Correntes e problemas*. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70, 1978.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Perspectivas do Homem; Edições 70, 1988.

MEILLASSOUX, Claude. Reprodução doméstica. In: *Mulheres, celeiros & capitais*. Porto: Afrontamento, 1977.

SAHLINS, M. A sociedade afluência original. In: *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

Complementar

BRANDÃO, C. R. *A partilha da vida*. São Paulo: Geic/Cabral Editora, 1995.

HARRIS, Marvin. *Vacas, porcos e bruxas – os enigmas da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SAHLINS, M. . *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

_____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



CENTRO/INSTITUTO: CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, LETRAS E ARTES VISUAIS-CCLA
CURSO: LETRAS

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À LIBRAS **CÓDIGO:** LEM040

CATEGORIA:	Obrigatória () Eletiva () Optativa Livre (X)	SEMESTRE
MODALIDADE:	Presencial (X) Semi-Presencial () A distância ()	

CARGA HORARIA			PRÉ-REQUISITO
Total	Teórica	Prática	
60 HORAS	60 HORAS		

EMENTA

Estudo sistemático teórico-metodológico e práticas experienciais de Língua Brasileira de Sinais, envolvendo a consciência ética da Libras como elemento para os processos de inclusão social.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Básica

BRASIL. Ministério da Educação . Secretaria de Educação Especial. **Ensino de Língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica/** Secretaria de Educação Especial. - Brasília: MEC/ SEESP, 2002.

LODI, A . C. B. ; HARRISON, K. M. P. ; CAMPOS, S. R. L.& TESKE, O .**Letramento e minorias** (Orgs) Ana Cláudia B. Lodi, Kathryn M. P Harrison, Sandra R. L. de Campos, Ottomar Teske – Porto Alegre: Mediação, 2002.

LUCKESI, M.R. C. **Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MEC, BRASIL.Recomendação nº 01/10/06.

_____. BRASIL. Decreto nº 5.625/12/05.

_____. BRASIL. Portaria nº 3.284/11/03.

_____.BRASIL. Plano Nacional de Educação -1999.

_____. BRASIL. LDBEN nº 9.394/96.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SKLIAR, C. **Atualidade da Educação Bilíngue da Educação de Surdos.** (Org) Carlos Skliar- Porto Alegre: Mediação, v.1,1999.

_____. **Atualidade da Educação Bilíngue da Educação de Surdos.** (Org) Carlos Skliar- Porto Alegre: Mediação, v.2,1999.

Complementar

FERREIRA, L. **Legislação e a Língua Brasileira de Sinais.**(Org.) Lucinda Ferreira - São Paulo: Ferreira & Bergoncci consultoria e publicações, 2003.

FERNANDES, E. **Surdez e Bilinguismo.** (Org) Eulalia Fernandes – Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIMA, P. A & VIEIRA, T. **Educação Inclusiva e Igualdade Social.** (Orgs) Priscila Augusta Lima e Therezinha Vieira – São Paulo: Avercamp, 2006.

THOMA, A. da S. & LOPES, M. C. **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** (Orgs) Adriana da Silva Thoma e Maura Corcini Lopes. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.